

Francieli Matzenbacher Pinton
Taís Vasques Barreto

PRODUZINDO
RESENHA



coleção

PRODUZINDO GÊNEROS
TEXTUAIS NA ESCOLA

Francieli Matzenbacher Pinton
Taís Vasques Barreto

PRODUZINDO
RESENHA

Coleção
“Produzindo gêneros textuais na escola”

1.^a edição

Santa Maria, RS
2019

Reitor da Universidade Federal de Santa Maria

Professor Dr. Paulo Afonso Burmann

Pró-reitora de Graduação

Professora Dra. Martha Bohrer Adaime

Diretor do Centro de Artes e Letras

Professor Dr. Cláudio Esteves

Coordenadora dos Cursos de Letras – Licenciaturas

Professora Dra. Evelyne Costa

Coordenadora Institucional do Projeto Residência Pedagógica

Professora Dra. Andréia Machado Oliveira

Docente Orientadora do Projeto Residência Pedagógica - Núcleo de Língua Portuguesa

Professora Dra. Francieli Matzenbacher Pinton

Organizadoras

Francieli Matzenbacher Pinton

Taís Vasques Barreto

Colaboradores do Caderno

Camile Heinrich Echevarria

Caroline Teixeira Bordim

Isabela Brossi dos Santos

Luiza Teixeira da Silva

Maria Cecília Castro Silva

Rodrigo Poletto

Revisão de linguagem

Professora Dra. Francieli Matzenbacher Pinton

Editoração / diagramação

Jamir Gonçalves Ferreira

Capa

Taís Vasques Barreto

P964 Produzindo resenha / [organizadoras] Francieli Matzenbacher Pinton, Taís Vasques Barreto. – Santa Maria : UFSM, CAL, Curso de Letras, 2019.
63 p. : il. ; 29 cm. – (Coleção Produzindo gêneros textuais na escola)

“Projeto Residência Pedagógica”

1. Educação básica 2. Resenha 3. Gênero textual I. Pinton, Francieli Matzenbacher II. Barreto, Taís Vasques

CDU 801.73

Caro aluno,

a leitura e a escrita são práticas fundamentais para a sua atuação em sociedade. Em razão disso, organizamos este caderno a fim de que experiencie essas práticas de forma prazerosa. Além disso, objetivamos que analise a língua portuguesa em funcionamento no texto, em específico, no gênero resenha.

A resenha é um dos gêneros que mais circulam em nosso meio social. Seu propósito é avaliar objetos de consumo (filmes, músicas, livros, jogos etc.) que são lançados a todo momento. Os resenhistas, portanto, têm o papel de nos apresentar seu ponto de vista sobre um determinado objeto, avaliando-o positiva ou negativamente, para que nós, seu público leitor, tenhamos uma prévia do novo produto.

Assim, neste material você terá oportunidade de (re)conhecer o gênero e apropriar-se de seus aspectos sociocomunicativos, estruturais e linguísticos. Para melhor compreensão dessa prática discursiva, organizamos este material em duas unidades: **(Re)conhecendo o gênero resenha** e **Produzindo exemplares de resenha**.

A unidade **(Re)conhecendo o gênero resenha** apresenta os aspectos sociocomunicativos, estruturais e linguísticos do texto. Nessa unidade, você conhecerá desde o meio de produção, circulação e consumo, ou seja, a dimensão social do gênero até aspectos relacionados à sua organização textual e linguística. Na unidade **Produzindo exemplares de resenha**, você terá a oportunidade de produzir um exemplar do gênero, revisar e reescrevê-lo com base em critérios de avaliação.

Esperamos que este caderno possibilite ampliar seus conhecimentos sobre a leitura e escrita do gênero resenha. Bom estudo!

As autoras

Sumário

UNIDADE 1	08
(Re)conhecendo o gênero resenha	08
Homem-Formiga	09
Aspectos sociocomunicativos	11
Aspectos estruturais	14
Pantera Negra	14
Aspectos linguísticos	26
Capitã Marvel	27
Referenciação	30
Sequenciação	33
Polidez	37
UNIDADE 2	43
Produzindo um exemplar do gênero resenha	43
Proposta de produção	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	48
Resenhas completas	48
Outros Jeitos De Usar A Boca — Rupi Kaur	48
Do Funk Para O Mundo: Confira O Review Do Álbum Audiovisual 'Kisses' De Anitta	49
Pantera Negra (2018) Crítica	52
Crítica: Pantera Negra é o mais politizado filme do Marvel Studios	54
Crítica Capitã Marvel (Com Spoilers)	56
Análise: Sem sal, filme Capitã Marvel faz estúdio regredir 11 anos	60
"BANG" é a definição perfeita de um álbum "OK"	62

UNIDADE 1

(Re)conhecendo o gênero resenha

No mundo em que vivemos, a todo momento nos deparamos com o lançamento de objetos para nosso consumo, como filmes, músicas, livros, clipes, entre tantas outras coisas. Consumimos tais objetos conforme nossos interesses, mas nem sempre somos atingidos positivamente por eles, infelizmente. Então, como saber se o novo filme do nosso diretor preferido atende às nossas expectativas? Dentre tantos livros novos, qual poderá ocupar um espaço significativo em nossa estante? Será que vale a pena escutarmos o novo álbum daquela banda?

Para obtermos as respostas para essas perguntas, podemos recorrer a resenhas que circulam em sites, blogs, revistas e jornais. Esse gênero textual tem como propósito avaliar e recomendar objetos culturais, apresentando-nos pontos positivos e/ou negativos.



Você conhece o site Adoro Cinema?



Lá você encontrará resenhas sobre filmes e séries, além de trailers e notícias sobre o mundo do cinema. Acesse para conferir!



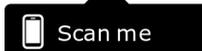
Agora, para aprofundarmos nossos estudos, leremos um exemplar do gênero resenha. Você já assistiu ao filme *Homem-Formiga*, da Marvel? Se sim, leia o texto a seguir e veja se você concorda ou não com o resenhista. Caso contrário, assista ao trailer acessando o QR Code para ter um breve conhecimento sobre o filme.



Atente para as diferenças!

O **resumo** é um texto que se caracteriza por apresentar informações selecionadas e resumidas sobre o conteúdo de outro texto.

Já a **resenha**, além de apresentar essas informações, também apresenta comentários e avaliações. (MACHADO, 2004)



HOMEM-FORMIGA

Vale quando encolhe

por Renato Hermsdorff

IMPRENSA

★★★★★ 3,3

31 críticas

USUÁRIOS

★★★★★ 4,4

3185 notas e 218 críticas

ADOROCINEMA

★★★★★ 3,0

Homem-Formiga é um dos personagens clássicos (embora menor) da Marvel, calcado no humor (ou, pelo menos, vendido como), com ligação direta com o universo dos Vingadores, cuja adaptação chega agora, em 2015, aos

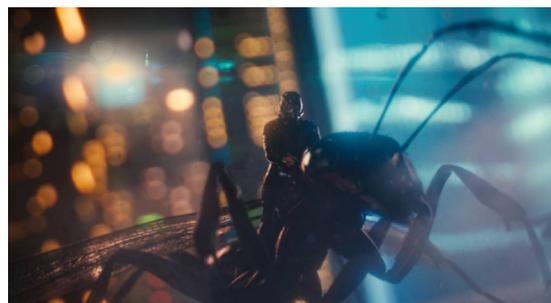
cinemas. Tem como dar errado? Não. Mas tampouco o filme surpreende. Vírgula. Chegamos (na verdade, Hollywood) a um nível tecnológico tão avançado – um



aspecto essencial para dar conta de representar com veracidade o mundo reduzido do herói –, que as cenas de computação gráfica (e a ação decorrente) são um verdadeiro deleite. O roteiro, porém, é previsível e didático demais, mesmo em se tratando do início de uma possível franquia.

O filme começa em 1989, quando Dr. Hank Pym (Michael Douglas), o inventor da fórmula/traje que permite o encolhimento de seres vivos, rompe com os chefões da empresa onde trabalha. Os diálogos e as atuações da cena de abertura são tão canastrões, que resultam até interessantes. A pergunta que fica é: será que o que vem por aí vai seguir a linha nonsense (e bem-sucedida, comercialmente, inclusive) de Guardiões da Galáxia? Segundo a vinheta da Marvel, que chega na sequência ao som de uma rumba, a resposta seria sim. Mas é não.

Corta para “os dias atuais”. É o último dia na cadeia do vigarista Scott Lang (Paul Rudd), que, disposto a reconquistar o respeito da ex-mulher, Maggie (Judy Greer) e, principalmente, da filha, pretende abandonar o estilo fora da lei. Mas a vida aqui fora é injusta e, depois de despedido do emprego de caixa de uma loja de sorvetes, ele aceita praticar um último golpe, a fim de fazer um troco. O que ele não sabia era que tudo não passava de uma armadilha às avessas do Dr. Pym que, depois de anos observando o hábil ladrão, o escolhe para ser o personagem do título. E tudo isso por quê? Basicamente porque ele precisa impedir que seu ex-pupilo, Darren Cross (Corey Stoll, ótimo), consiga replicar a fórmula do encolhimento e a use para fins não muito católicos.



Sim, há humor. Mas os diálogos (e quase todas as piadas) soam tão calculados que, depois da ousadia (sim, ousadia) de Guardiões, a Marvel parece dar um passo atrás em uma aposta nova. O que não significa que o filme não seja divertido. É simplesmente inofensivo.

O enredo, em si, é redondo, mas falta sutileza. A escalação dos atores é questionável. O destaque negativo fica por conta de Evangeline Lilly (que, depois de *Lost*, tem vaga cativa neste coração), como Hope, a filha do Dr. Hank. Não cai bem para a atriz de 35 anos (o que bate com a idade da personagem, se considerarmos os “dias atuais” como 2015) sofrer crises adolescentes – quase infantis – de ciúmes da relação do pai com o novo protegido. A surpresa (essa, sim, positiva) recai sobre o melhor amigo de Scott, Luis (Michael Peña), um (não tão) hábil contador de histórias. Paul Rudd, carismático como sempre, se sai melhor nas cenas de humor, em que parece ter saído de um filme de Judd Apatow.

E sim, há uma ponte (sólida, de concreto, estruturada, uma highway com diversas pistas) com o mundo dos *Avengers* (uma dica: originalmente, são duas cenas pós-crédito), o que é um dos pontos altos da produção. Esse, aliás, e a tecnologia, que permite “enxergar” com uma riqueza de detalhes nunca antes vista no cinema a formiga, a gota d’água, o açúcar, o pólen, o átomo, os elétrons – e uma sensacional batalha sobre um trenzinho de criança de matar de inveja os realizadores de “Querida, Encolhi as Crianças”.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130438/criticas-adorocinema/>

Aspectos sociocomunicativos

Como percebemos, o gênero resenha avalia e recomenda uma determinada obra; porém, para entendermos melhor o seu funcionamento discursivo, é preciso analisar o objeto resenhado em termos de circulação, produção e consumo.

O objeto resenhado será identificado, geralmente, no início do texto ou até mesmo no título, já que precisamos ter o conhecimento da obra/objeto em questão. Logo após, reconhecemos seu meio de circulação que estará, em grande medida, relacionado ao tipo de objeto que será resenhado. Por exemplo, resenhas de filmes e livros circulam em blogs, sites ou revistas; já resenhas acadêmicas são publicadas em periódicos científicos. Dessa forma, podemos concluir que os meios de circulação das resenhas diferem de acordo com seus objetivos.

O produtor do texto (resenhista) deve ter conhecimento prévio da obra/objeto que será avaliada(o). Ou seja, ao criticar, espera-se que ele esteja familiarizado com o objeto para que sua avaliação esteja bem fundamentada e, portanto, convença o leitor do seu ponto de vista.

Para sistematizar seus estudos, observe o quadro abaixo que apresenta a relação entre obras/objetos resenhados, produtores e seus meios de circulação:

OBJETO CULTURAL	PRODUTORES	MEIO DE CIRCULAÇÃO
Obras acadêmicas Artigos científicos	Professores Alunos de graduação e de pós-graduação	Revistas de ciência e pesquisa
Livros Filmes Músicas Séries	Blogueiros Críticos Jornalistas	Blogs Revistas Jornais

Por fim, identificamos o público-alvo potencial desse gênero. Essa é uma das questões centrais do resenhista. Pense bem: um texto direcionado ao público infantil atrairia interesse de adolescentes, por exemplo? Supõe-se que não. Por esse motivo, o autor da resenha deverá ter um breve conhecimento de quem são seus leitores, pois será possível adequar o registro conforme a demanda. Vale destacar que o público pode variar dependendo dos seus interesses, ou seja, cada leitor irá pesquisar resenhas que se referem ao objeto que lhe desperta curiosidade para descobrir quais são suas recomendações.

A fim de colocarmos em prática nossos estudos sobre os **aspectos sociocomunicativos** do gênero, responda, no quadro, às perguntas referentes à resenha do filme *Homem-Formiga*.

 HOMEM-FORMIGA <i>Vale quando encolhe</i>	
Qual o tema/objeto abordado pelo autor?	
Onde esse texto circula?	
Quem é o autor da resenha?	
Qual o objetivo do resenhista?	
Para quem o texto é direcionado?	



Curiosidade

Existem resenhas em forma de vídeos, na plataforma *YouTube*, que são produzidas por pessoas que querem divulgar uma marca/objeto.



O NOVO VIDEO GAME DA NINTENDO! - Switch
 Coisa de Nerd • 2 mi visualizações • 1 ano atrás
 INSCREVA-SE! É DE GRAÇA: <https://goo.gl/5hy7QB> Camisetas: <http://bit.ly/2arsmPr> Este é um vídeo sobre o anúncio do novo ...



MAQUIAGEM PRODUTOS RUBY ROSE
 Mariana Saad • 1,2 mi visualizações • 1 ano atrás
 Muulheerrrr! Vocês sabem que eu adoro novidades e essa foi difícil de achar, hein! Mas eu consegui e fiz o teste para mostrar ...

Aspectos estruturais

Ainda sobre heróis, você conhece o filme *Pantera Negra*? Caso ainda não tenha assistido, acesse o trailer no QR Code a seguir.



Em 2019, ele foi indicado a seis categorias do Oscar, levando três troféus: Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Figurino e Melhor Direção de Arte. Com tantas indicações, era previsto que diversos resenhistas escreveriam sobre o filme. Vejamos, a seguir, um exemplar de uma resenha sobre *Pantera Negra*.

PANTERA NEGRA

Volta às raízes

por Francisco Russo

IMPRENSA

★★★★★ 4,3

25 críticas

USUÁRIOS

★★★★★ 4,5

2616 notas e 208 críticas

ADOROCINEMA

★★★★★ 4,0

Quando o Universo Cinematográfico Marvel foi estabelecido, a ideia básica era que cada herói tivesse sua aventura solo para que, posteriormente,

todos se reunissem no clímax O Vingadores. O tempo passou, mais seres super-poderosos chegaram e a teia existente entre eles fez com que, cada vez mais, participações ocasionais surgissem aqui e ali. Natural, era este o conceito de uma imensa história contínua narrada a cada novo capítulo. Pantera Negra não foge à esta tendência temporal, mas ao mesmo tempo retoma a ideia original de ambientar a realidade de um herói específico. No caso em questão, Wakanda.



Não é exagero dizer que o país-natal de T'Challa seja um dos principais personagens de Pantera Negra. Isolado do resto do mundo de forma a esconder uma potência tecnológica inigualável à base do valioso vibranium, Wakanda é uma conjunção entre as raízes ancestrais do povo africano com tamanha modernidade - não por acaso, a trilha sonora traz muito da força dos tambores. Mais do que a beleza paisagística, chama a atenção a cultura construída em torno de tal lugar: dos figurinos vistosos às máscaras exuberantes, das crenças relacionadas à dança - ou ao movimento dos corpos, como preferir - ao sotaque imaginário e coeso: tudo é muito peculiar a esta localidade, trazendo de imediato uma nova camada ao já imenso UCM¹, tanto em relação à pluralidade quanto à representatividade.

Em ambos os aspectos, Pantera Negra é essencial. Não apenas por possibilitar um ícone negro como exemplo, para que jovens mundo afora se reconheçam também no universo dos super-heróis, mas também por trazer sua realidade e anseios ao fantasioso mundo da Marvel. Sim, pois o conflito existente entre T'Challa (Chadwick Boseman) e Killmonger (Michael B. Jordan) pode facilmente ser apontado como reflexo dos ideais de Martin Luther King e Malcolm X sobre a posição dos negros na sociedade norte-americana, lá nos anos 1960.

Da mesma forma, o filme aborda (de leve) questões urgentes sobre os refugiados e até mesmo dá uma sutil cutucada na ojeriza² do atual presidente norte-americano, Donald Trump, às “nações de m*” - atenção ao simbolismo da primeira cena pós-créditos. Mais ainda: há no filme uma textura da cultura negra

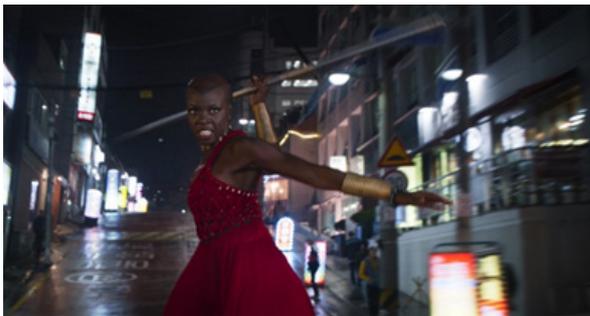
¹ Universo Cinematográfico Marvel

² Sentimento de má vontade, aversão, antipatia gerado pela intuição, por uma percepção, um ressentimento (HOUAISS, 2001).

que vem muito do meticuloso trabalho do diretor e roteirista Ryan Coogler, em tão bem retratar particularidades típicas.

Neste sentido, Pantera Negra é também um ícone na representação feminina. Tanto com Lupita Nyong'o quanto com Danai Gurira e a ótima Letitia Wright, o filme traz mulheres fortes e decididas, com posição de destaque na estrutura de poder de Wakanda. Além disso, o trio surge muito bem na composição de suas personagens, especialmente na divertida dinâmica entre irmãos envolvendo Shuri e T'Challa. No lado masculino, além da boa participação do protagonista há também Martin Freeman, que reprisa seu naturalismo habitual ao compor um personagem bem parecido com seus últimos trabalhos - e, mais uma vez, de forma competente.

Outro aspecto que merece destaque são os dois vilões do filme, bem superiores à média existente na Marvel. Se Andy Serkis encarna um personagem exagerado, daqueles que tiram sarro de todos e curtem a maldade intrínseca, Michael



B. Jordan apresenta um viés oposto, raivoso e muito bem fundamentado com base em uma tragédia familiar tipicamente shakespeariana. Pela contextualização do embate com T'Challa, seu Killmonger desponta não só pela força física, mas também pelo peso de seu passado de forma

que o roteiro, habilmente, insira tal situação dentro do clima de preconceito e abandono típicos de boa parte da população negra nos Estados Unidos. Vale destacar ainda o interessante contraste de sotaques e vocabulário entre o povo de Wakanda e Killmonger, oriundo do submundo da Califórnia, quase um easter egg³ plantado por Ryan Coogler.

Bastante político ao apresentar o ambiente em torno de Wakanda, Pantera Negra oferece ao espectador a suntuosidade⁴ de uma nova cultura manifestada a partir de imagens, posturas, cores e roupas. Em meio ao fascinante equilíbrio entre tradição e modernidade, o filme avança mais alguns passos dentro da novela do Universo Cinematográfico Marvel, situando-se entre os eventos de Capitão América: Guerra Civil sem, no entanto, ser uma sequência direta do que lá acontece - ao menos não em relação aos demais super-heróis retratados. Por outro lado, em meio à tamanha apuro na ambientação, o filme entrega poucas cenas de ação. Se os dois duelos envolvendo T'Challa são bem resolvidos

³ Detalhes ou homenagens colocadas pelos diretores, roteiristas ou produtores em um filme.

⁴ Abundância de coisas caras, finas, de luxo; aparato, riqueza (HOUAISS, 2001).

e funcionam pela tensão intrínseca, as duas sequências mais grandiosas exageram no CGI⁵ e na repetição de movimentos do Pantera Negra, especialmente no trecho situado na Coreia do Sul, ou mesmo na multidão que de repente surge em meio à batalha campal. Até divertem, mas estão longe de ser o prato principal neste que é o melhor e mais ambicioso filme da Marvel desde Capitão América 2 - O Soldado Invernal.



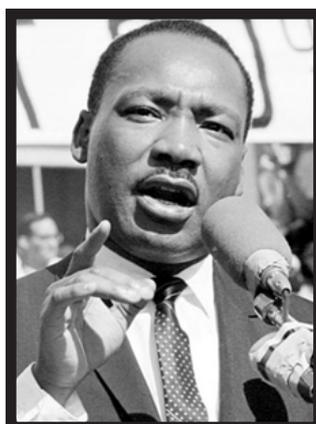
⁵ Imagens geradas por computador.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130336/criticas-adorocinema/>

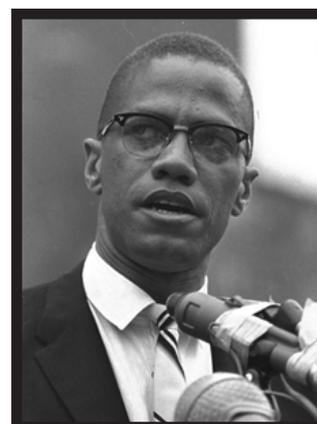


Curiosidade

O texto faz referência a Martin Luther King e Malcolm X, você os conhece? Ativistas pelo movimento negro, ficaram conhecidos pelo mundo inteiro por suas histórias de luta. Acesse o QR Code para entender o conflito mencionado pelo resenhista:



**MARTIN
LUTHER KING**



MALCOLM X

De maneira geral para cumprir seu propósito, a resenha apresenta quatro movimentos retóricos: **apresentação, descrição, avaliação e recomendação**. Cada um desses movimentos pode ser encontrado ao longo do texto, mas não necessariamente em ordem.



Você sabe o que é movimento retórico?

O movimento retórico é “uma unidade discursiva ou retórica que realiza, dentro do discurso escrito ou falado, uma função comunicativa coerente” (SWALES, 2004, p. 228) com seu propósito comunicativo e “não se identifica necessariamente por um período gramatical, enunciado ou parágrafo claramente delimitados” (BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, p. 237). Ou seja, eles são “altamente flexíveis em termos de sua realização linguística” (SWALES, 2004, p. 229). Por exemplo, se a resenha tem como propósito avaliar uma determinada obra, ela apresentará movimentos que corroborem para a efetivação desse processo, apresentando, descrevendo, avaliando e recomendando (ou não) determinado objeto cultural. Sendo assim, no texto, será possível identificar marcas linguísticas (sendo elas palavras, períodos frasais e/ou parágrafos) que delimitam cada movimento.

A seguir, apresentamos os movimentos que compõem a resenha.

1

APRESENTAÇÃO

Neste movimento, o resenhista faz uma introdução do contexto no qual a obra está inserida, trazendo informações básicas sobre autor e obra (título, editora, número de páginas, duração do filme, classificação, etc). Na resenha do filme *Pantera Negra*, destaque com caneta **rosa** as passagens que se referem ao movimento de apresentação.

2

DESCRIÇÃO

Neste movimento, o autor deve resumir os fatos que acontecem na obra (personagens, cenário, tempo, ações da trama). Com uma caneta **verde**, destaque na mesma resenha as passagens que apresentam descrição do filme.

3

AVALIAÇÃO

Neste movimento, o resenhista é inserido no texto, ou seja, sua voz é predominante. Aqui são expressas as opiniões do autor sobre a obra resenhada, baseada em argumentos que qualificam positiva ou negativamente a trilha sonora, a caracterização das personagens, a descrição dos ambientes em que a obra se passa, etc. Ou seja, o autor direciona sua avaliação a diversos aspectos. Dito isso, destaque com uma caneta **azul** as avaliações presentes no texto.

4

RECOMENDAÇÃO

Neste movimento, o autor recomenda ou não a obra resenhada, ou seja, a partir dos argumentos apresentados na avaliação, o resenhista dirá o quanto pertinente ela poderá ser para determinado público. Destaque, com uma caneta **laranja**, o(s) fragmento(s) que apresentam a recomendação do autor.

Conforme estudamos, as resenhas podem avaliar diversos objetos culturais, não apenas filmes. Por esse motivo, leia os fragmentos retirados de resenhas sobre outras obras e observe como se compõem seus movimentos retóricos.

Outros Jeitos de Usar a Boca é a **coletânea de poemas** de **Rupi Kaur**, **publicada no Brasil**, em **2014**, pela **editora Planeta**. A opção do título em português – bastante distante do original, *Milk and Honey* – remete à parte do conteúdo que será encontrado nos versos: uma poesia empoderadora feminina, que, entre outras temáticas, questiona o sistema patriarcal e o local da mulher na sociedade.⁶

Adaptado de <https://www.minhavidaliteraria.com.br/2018/11/23/resenha-outros-jeitos-de-usar-a-boca-rupi-kaur/>

Observe os termos acima destacados. A fim de expor o objeto que será resenhado, o autor traz informações importantes sobre a obra, como título, coletânea, autora, país de publicação, ano e editora, ou seja, há o **movimento de apresentação**. A partir dessas informações, identificamos que a resenha será sobre um livro e temos conhecimento sobre ele.

Já o texto a seguir, apresenta outro tipo de objeto cultural:

O tão esperado **álbum audiovisual** e trilingue de **Anitta** saiu! Na **meia-noite** de **05 de abril de 2019**, sexta-feira, **'Kisses'**, **quarto disco** da cantora, entrou em todas plataformas digitais. Com 10 músicas, 10 clipes e 10 Anitta's diferentes, o álbum conta com diversas participações especiais. De Snoop Dogg a Caetano Veloso, já podemos ver o quão inusitado é o projeto.⁷

Adaptado de <http://www.osul.com.br/do-funk-para-o-mundo-confira-o-review-do-album-audiovisual-kisses-de-anitta/>

Aqui, é possível perceber uma construção um pouco diferente da anterior, pois o autor não segue uma ordem linear das informações. Porém, do mesmo modo, há o **movimento de apresentação**, já que é possível obter as referências sobre a obra, como o formato audiovisual, a artista, o dia e a hora de lançamento, o nome do álbum e o disco.

Além disso, nos mesmos fragmentos, ainda é possível observar **movimentos de descrição**, vejamos.

⁶ Confira a resenha completa na página 48.

⁷ Confira a resenha completa na página 49.

Outros Jeitos de Usar a Boca é a coletânea de poemas de Rupi Kaur, publicada no Brasil, em 2014, pela editora Planeta. A opção do título em português — bastante distante do original, *Milk and Honey* — remete à parte do conteúdo que será encontrado nos versos: **uma poesia empoderadora feminina, que, entre outras temáticas, questiona o sistema patriarcal e o local da mulher na sociedade.**

Adaptado de <https://www.minhavidaliteraria.com.br/2018/11/23/resenha-outros-jeitos-de-usar-a-boca-rupi-kaur/>

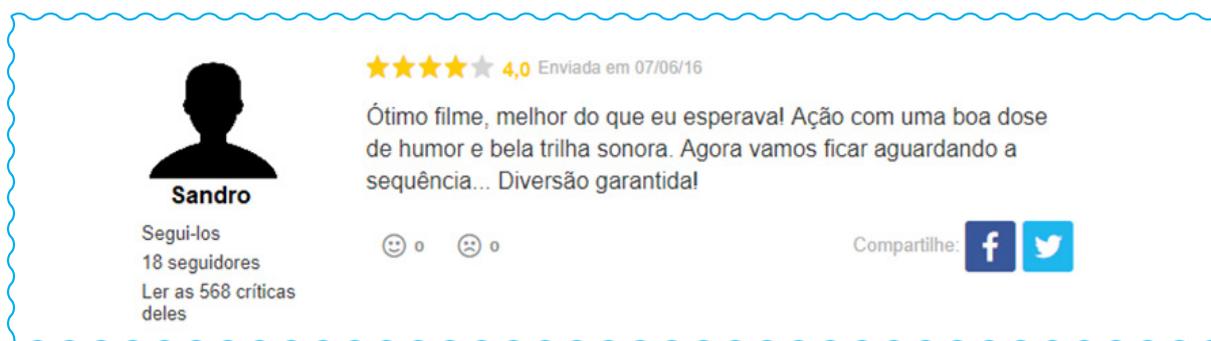
Nesse trecho, o resenhista faz uma breve descrição sobre o que será encontrado nos versos. Como se trata de uma coletânea de poemas, não há uma trama com personagens e cenários para serem descritos, portanto o resenhista descreve o tema do livro.

O tão esperado álbum audiovisual e trilingue de Anitta saiu! Na meia-noite de 05 de abril de 2019, sexta-feira, ‘Kisses’, quarto disco da cantora, entrou em todas plataformas digitais. **Com 10 músicas, 10 clipes e 10 Anitta’s diferentes, o álbum conta com diversas participações especiais.** De Snoop Dogg a Caetano Veloso, já podemos ver o quão inusitado é o projeto.

Adaptado de <http://www.osul.com.br/do-funk-para-o-mundo-confira-o-review-do-album-audiovisual-kisses-de-anitta/>

Em um álbum, geralmente, não é possível identificar apenas um tema, muito menos um enredo com personagens. Por esse motivo, será possível descrever apenas o número de músicas, os clipes e as participações especiais, como bem faz o resenhista do álbum Kisses, da cantora Anitta.

Já sobre o **movimento de avaliação**, você percebeu que há, nas resenhas dos filmes apresentadas até aqui, avaliações com estrelas sob a perspectiva da imprensa, dos usuários e do AdoroCinema? Segundo o próprio site, elas são concebidas da seguinte maneira: i) a *avaliação da imprensa* se dá a partir de cada revista ou jornal que tem seu próprio sistema de avaliação, sendo ele adaptado ao sistema AdoroCinema, de 0.5 a 5 estrelas; ii) a *avaliação dos usuários* calcula-se a partir das estrelas que os próprios usuários do site dão ao filme, podendo eles apresentarem uma breve crítica recomendando a obra ou não; iii) por fim, a *avaliação do AdoroCinema*, em que o resenhista apresenta quantas estrelas o filme merece, segundo sua concepção. Além disso, os usuários também podem fazer comentários no site sobre o filme que foi resenhado, como mostramos no exemplo a seguir.



Portanto, a avaliação se dá a partir de comentários – negativos e/ou positivos sobre a obra/objeto – ou por estrelas, a fim de que o leitor já tenha ideia se o filme recebeu boa ou má crítica antes mesmo de ler a resenha.

Por fim, o **movimento de recomendação** varia de acordo com o ponto de vista do resenhista sobre o filme. Vejamos recomendações de outras resenhas sobre o filme *Pantera Negra*.

1. “Do ponto de vista estético, o filme é muito bonito. A construção dos cenários (sejam eles digitais ou não), o uso das cores e o cuidado com os figurinos demonstram o quanto a produção e o diretor (e também co-roteirista, Ryan Coogler) tiveram cuidado em transmitir a cultura negra em toda a sua essência e diversidade. [...] As lutas, apesar de bem sincronizadas, não oferecem tanta ação e movimentos formidáveis do Pantera, mas são razoáveis. **No final das contas, Pantera Negra não é o filme que eu esperava, mas é um filme necessário.**”⁸

Adaptado de <http://resenhandosonhos.com/pantera-negra-2018-critica/>

2. “Sua representatividade, incluindo os subtextos sobre gênero e etnias, ecoa mais forte nos tempos em que vivemos — **o que deixa uma marca ainda mais poderosa no cinema e no UCM**. Com isso, corre também o risco de ficar datado. É um preço que T’Challa e nós podemos pagar: afinal, vê-lo cair e levantar, torna-se um rei, um herói, um rebelde e um vingador, **pode ser uma diversão e tanto, com uma baita de uma mensagem no meio de tudo isso.**”⁹

Adaptado de <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/127282-critica-pantera-negra-politizado-filme-marvel-studios.htm>

⁸ Confira a resenha completa na página 52.

⁹ Confira a resenha completa na página 54.

Nos fragmentos destacados, há diferentes posições dos resenhistas. No primeiro, o autor deixa explícito que o filme não alcançou suas expectativas, apresentando uma recomendação negativa. Já no segundo, o outro autor expõe um posicionamento positivo, chamando-o de poderoso e recomendando-o como divertido e reflexivo.

Para praticarmos nossos conhecimentos, escolha um filme que você já tenha assistido:

	
A	Capitão América: O Primeiro Vingador (2011)
B	Thor: O Mundo Sombrio (2013)
C	Vingadores: Era de Ultron (2015)
D	Homem-Aranha: De Volta ao Lar (2017)
E	Vingadores: Ultimato (2019)
F	Outro: _____

1. Agora que você selecionou o filme, pesquise sobre ele na internet. Encontre um site confiável e levante informações sobre o filme, como diretor, elenco, duração, roteirista, entre outros. Quanto mais referências você coletar, melhor! Em seguida, no quadro da página seguinte, escreva uma **apresentação** do filme com esses dados. Lembre-se que quanto mais informações você apresentar, mais você manifestará conhecimento prévio e, com isso, passará confiança ao seu leitor.



2. Vamos ao **movimento de descrição**! Ainda sobre o filme que você selecionou no início da atividade, relembre e/ou pesquise os acontecimentos da obra. Sugiro que você atente aos nomes das personagens, ao cenário e às ações da trama, principalmente. Após esse levantamento, escreva uma pequena descrição no quadro a seguir:



3. Sobre o **movimento de avaliação**, voltemos a resenha do filme *Pantera Negra* para entendermos melhor como ele funciona no texto. O resenhista, durante toda a resenha, pode apresentar avaliações sobre diferentes aspectos. Por exemplo, ele pode qualificar ou desqualificar a obra em si, mas também os personagens, o cenário, o figurino, a atuação dos autores, entre muitos outros. Dito isso, volte à resenha do *Pantera Negra* e identifique o que for pedido no quadro abaixo.

		
O que está sendo avaliado?	Quais trechos apresentam avaliações?	As avaliações são positivas ou negativas?
Obra		
Personagens		
Cenário		
Encontrou mais avaliações? Apresente-as.		

Voltando ao filme que você escolheu para a atividade, preencha o quadro a seguir. Porém, neste momento, com base na leitura dos movimentos de avaliação da resenha sobre o *Pantera Negra*, você terá de escrever apenas pequenos fragmentos que avaliam os aspectos apontados.

	
O que está sendo avaliado?	Como você avalia?
Obra	
Personagens	
Cenário	

Para concluir a tarefa, você poderá avaliar com estrelas e nota o filme em questão. Preencha, logo abaixo, quantas estrelas você daria ao filme que escolheu e lembre-se: sua avaliação pode variar de zero a cinco, portanto você pode preencher apenas metade de uma estrela quando quiser acrescentar apenas meio ponto.



Agora que suas estrelas estão preenchidas, qual é sua a nota final do filme escolhido?

4. Para finalizar as atividades sobre a estrutura do texto e retomar o último movimento, de acordo com a avaliação dada anteriormente, escreva uma pequena **recomendação** sobre o filme que você escolheu:



Após revisarmos a estrutura retórica do gênero resenha, estudaremos seus aspectos linguísticos: referenciação, sequenciação e polidez.

Aspectos linguísticos

Para auxiliar na compreensão e na produção da resenha, é necessário atentarmos aos aspectos linguísticos presentes no texto. Por isso, após estudarmos os movimentos retóricos, analisaremos marcas linguísticas que são recorrentes em resenhas e seu funcionamento na organização do gênero.

Antes de adentrarmos nesse conteúdo, leia a resenha sobre o filme *Capitã Marvel*. Caso ainda não tenha assistido, acesse o trailer no QR Code da página seguinte.



CAPITÃ MARVEL

Uma heroína à procura de sua humanidade

por Barbara Demerov

IMPrensa

★★★★☆ 3,4

21 críticas

USUÁRIOS

★★★★☆ 4,1

1286 notas e 240 críticas

ADOROCINEMA

★★★★☆ 4,0

Num primeiro momento pode-se pensar que as duas personagens entregam a mesma mensagem, mas as semelhanças entre Mulher-Maravilha e Capitã Marvel se limitam ao fato de que ambas são as primeiras heroínas abordadas nos universos cinematográficos DC e Marvel. Se o primeiro filme, protagonizado por Gal Gadot, abraça o heroísmo fantástico para contar a origem da princesa de Themyscira, o segundo procura contar suas raízes de forma bem mais humana e ligada a uma representatividade que vem de dentro. O foco em simplesmente dar voz às mulheres não só é válido como também funciona duplamente, mas o resultado de tais forças é bem singular.

Em Capitã Marvel, nossa protagonista encontra forças sendo Carol Danvers - e não o contrário, com Carol se espelhando na ideia da heroína perfeita. O filme trabalha bem a abordagem de que uma metade completa a outra, mesmo que vejamos todo seu crescimento e entendimento interno fora

de uma ordem cronológica - como se essa “bagunça” temporal fosse necessária para seguir sem alguns questionamentos que vão e vem no futuro. De certa forma, tal confusão é importante tanto para Carol saber quem é quanto para nós entendermos o que se passa. O que antes parecia ser um buraco negro de incertezas transforma-se em uma camada mais clara de informações que, apesar de não estarem enfileiradas, se encaixam.



Começando na metade de sua jornada, com Carol atendendo pelo nome Vers, um ser da raça kree, a história ganha grandes proporções ao utilizar como cerne a inevitável soltura de amarras que a heroína já demonstra ter no início - mesmo com dificuldades relacionadas à memória e sua vida antes de treinamentos e lutas. Os limites que seus superiores impõem à sua personalidade e poderes são a base de todo o questionamento que começa a transparecer na protagonista, especialmente quando ela vem à Terra após uma missão no espaço dar errado.

É inegável que Brie Larson traz uma densidade a sua personagem que é fácil absorver, mas só após certo tempo em tela. Sua seriedade na pele de Carol Danvers vai ganhando cada vez mais sentido ao passo que vai compreendendo seu papel no universo e na Terra, e assim é possível sentir empatia por alguém que já foi piloto, amiga e protetora antes de se tornar uma poderosa guerreira intergaláctica. É curioso notar que o maior nível de grandiosidade de sua personagem é encontrado justamente no local em que começou como humana: em nosso planeta, com pessoas comuns e lembranças de uma vida normal. Carol sempre teve o instinto de justiça, mas seu espírito amoroso ganha traços emocionantes ao lado da amiga Maria Rambeau, com quem viveu por muitos anos antes de seu acidente e posteriormente é o único elo entre seu presente e passado.



Por ser um filme que se passa ora no espaço, ora em terra firme, a originalidade da ambientação logicamente precisava ser forte. Capitã Marvel não entrega um show de referências do MCU,

mas é um deleite para fãs de música e das décadas de 80 e 90. Desde o figurino utilizado por Carol (a blusa da banda Nine Inch Nails traduz bem o movimento da época, assim como citações ao grunge) até os locais apresentados (seja a icônica Blockbuster, a profissão como piloto, que remete a filmes como Top Gun, ou o bar que tanto visitou), o longa consegue transmitir parte da essência

da época transcorrida, ainda mais por ter forte importância na linha do tempo dos filmes da Marvel como um todo. As referências são mais contidas, mas as selecionadas já têm ótimas e empolgantes justificativas.

Nick Fury (Samuel L. Jackson) representa toda a relevância citada junto de Agente Coulson (Clark Gregg) e não só participa dos alívios cômicos do roteiro como também se faz necessário na jornada de aprendizagem da protagonista.



Da mesma forma está Goose, a gata (cujo nome é uma clara alusão ao personagem de Top Gun), que exerce o mesmo papel - mas a níveis elevados por ser um animal carinhoso e atento a tudo que acontece a sua volta. Juntos de Jude Law, Lashana Lynch e Ben Mendelsohn (excelente e com ótima maquiagem), estes personagens formam um poderoso elenco que transita entre a entrega de boas atuações e valorosos pontos de discussão.

Capitã Marvel, além de elaborar uma história de origem sem seguir completamente o padrão já consagrado pela Marvel (visto em Homem de Ferro, Thor e Capitão América: O Primeiro Vingador), prioriza mais o que é interno do que propriamente a criação de imagens impactantes - não que elas não estejam lá, mas elas aparecem de forma mais contida. Não vemos longas batalhas (apesar de todas serem bem executadas e coreografadas) pois o foco não é esse. A discussão que o filme traz vai além, pois Carol não busca guerra, mas a paz que sempre lhe foi pertencente. No meio disso tudo, o roteiro encaixa um subtexto político ao fazer referência à crise dos refugiados e fugir de discursos rasos em que supostas verdades sobre o bem e o mal são entregues de bandeja, um padrão de dialogar com questões sociais muito utilizado nas HQs e presente também nas adaptações para cinema de X-Men e Pantera Negra. O enredo se apropria de um twist narrativo um tanto já utilizado, mas a mensagem sobre a relação entre opressor e oprimido é muito bem aproveitada.

Capitã Marvel mostra que ser humano pode se tornar sua maior força e companhia - até mesmo quando falamos de super-heróis capazes de mudar o rumo da história (como possivelmente veremos Danvers agir com relação a Thanos em Vingadores: Ultimato). Ao falar de memórias e antigos traços, o fato é que o filme se torna muito mais poderoso quando tiramos o traje vermelho e azul de vista e focamos apenas na essência da protagonista, cuja

segurança vem do local mais difícil de achar, porém o mais óbvio quando finalmente é compreendido: da certeza em saber quem você foi para atestar quem você é. Quem Carol será no futuro? Veremos em breve, como uma das cenas pós-créditos já adianta. A única coisa que fica tão clara como um feixe de luz é que ela já está pronta para prosseguir com sua carga de poder em potência máxima.

Adaptado de: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-141110/criticas-adorocinema/>

Referenciação

Na resenha de *Capitã Marvel*, podemos perceber que há diversas referências ao filme, às personagens e, até mesmo, aos atores. Vejamos o fragmento a seguir para melhor compreensão do conteúdo.

“Em **Capitã Marvel**, nossa **protagonista** encontra forças sendo **Carol Danvers** - e não o contrário, com **Carol** se espelhando na ideia da heroína perfeita. **O filme** trabalha bem a abordagem de que uma metade completa a outra, mesmo que vejamos todo **seu** crescimento e entendimento interno fora de uma ordem cronológica - como se essa “bagunça” temporal fosse necessária para seguir sem alguns questionamentos que vão e vem no futuro. De certa forma, tal confusão é importante tanto para **Carol** saber quem é quanto para nós entendermos o que se passa. O que antes parecia ser um buraco negro de incertezas transforma-se em uma camada mais clara de informações que, apesar de não estarem enfileiradas, se encaixam.”

Nesse fragmento, é possível perceber que há referência tanto para o filme quanto para a personagem principal. Para evitar a repetição de “Capitã Marvel” (nome da obra), o autor faz referência utilizando “o filme” e o pronome possessivo “seu”, já para mencionar a personagem principal, o autor utiliza “protagonista” e logo após apresenta seu nome – Carol Danvers.

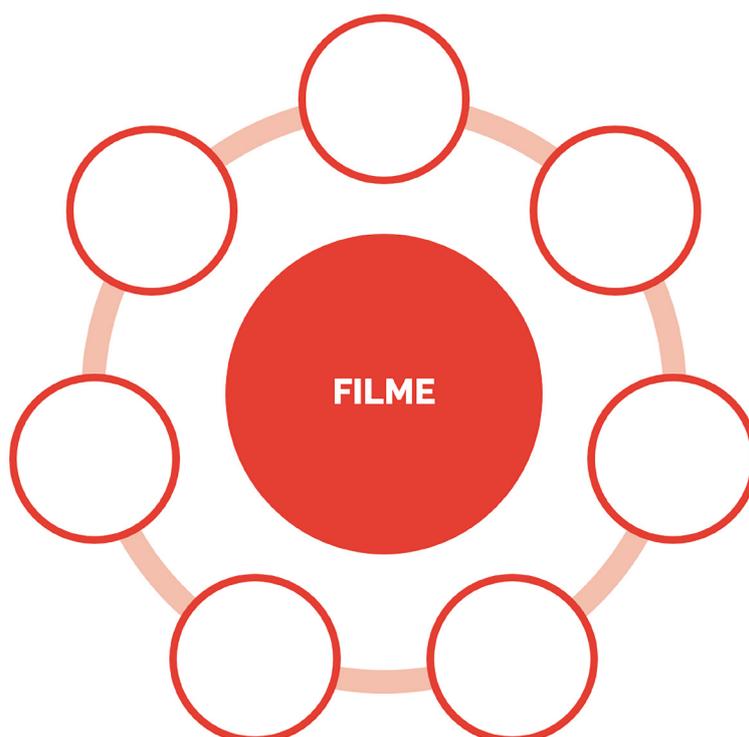
Esse recurso denomina-se referenciação e é uma das formas de retomarmos o que já foi pautado no texto a fim de estabelecer uma coesão textual. A coesão é entendida como a operação que responde pela organização das unidades linguísticas

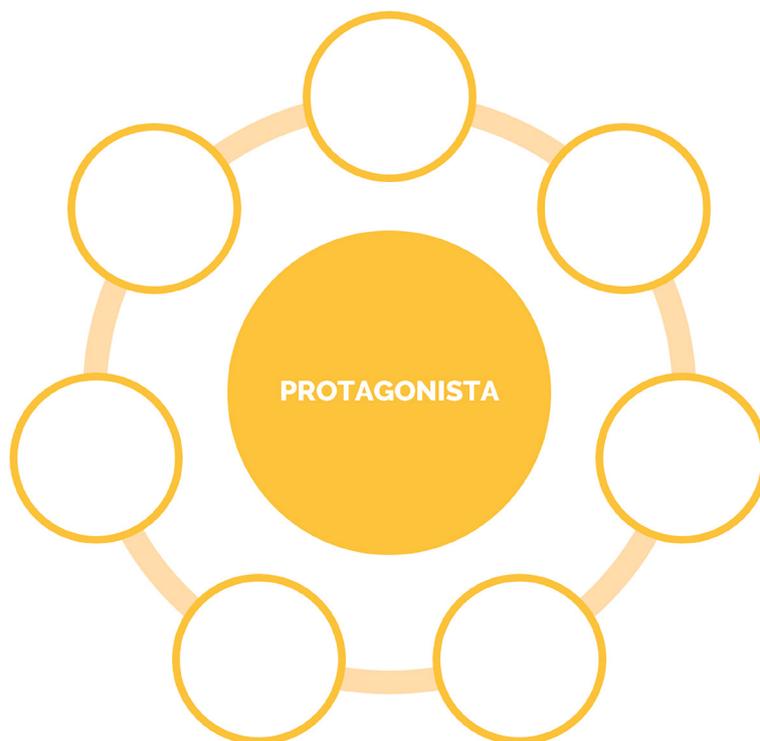
e pela progressão das informações nele contidas, ou seja, retrata uma ligação entre as partes do texto (BIEZUS; SELLA, 2008). Sendo assim, a referenciação é de suma importância, já que ela é responsável por retomar e conectar elementos linguísticos que já foram mencionados anteriormente.

No fragmento abaixo, é possível perceber novas referências ao filme e à personagem principal. Identifique-as e as destaque com canetas coloridas, uma cor para o filme e outra para a personagem.

Começando na metade de sua jornada, com Carol atendendo pelo nome Vers, um ser da raça kree, a história ganha grandes proporções ao utilizar como cerne a inevitável soltura de amarras que a heroína já demonstra ter no início - mesmo com dificuldades relacionadas à memória e sua vida antes de treinamentos e lutas. Os limites que seus superiores impõem à sua personalidade e poderes são a base de todo o questionamento que começa a transparecer na protagonista, especialmente quando ela vem à Terra após uma missão no espaço dar errado.

Agora que você já identificou os referentes nesse fragmento, volte à resenha do filme e identifique outras palavras que se referem ao filme e à protagonista. Além dos que você encontrar, sugiro que você imagine outras palavras que poderiam retomar o filme e a protagonista para completar os organogramas abaixo:





Após a identificação dos referentes, para fins de análise, observe um fragmento retirado da resenha em que as referências foram apagadas:

Mostra que ser humano pode se tornar sua maior força e companhia - até mesmo quando falamos de super-heróis capazes de mudar o rumo da história (como possivelmente veremos Danvers agir com relação a Thanos em Vingadores: Ultimato). Ao falar de memórias e antigos traços, o fato é que se torna muito mais poderoso quando tiramos o traje vermelho e azul de vista e focamos apenas na essência, cuja segurança vem do local mais difícil de achar, porém o mais óbvio quando finalmente é compreendido: da certeza em saber quem você foi para atestar quem você é. Quem será no futuro? Veremos em breve, como uma das cenas pós-créditos já adianta. A única coisa que fica tão clara como um feixe de luz é que ela já está pronta para prosseguir com sua carga de poder em potência máxima.

Nesse exemplo, a construção do texto se torna confusa e, conseqüentemente, a leitura fica mais difícil. Algumas perguntas podem passar por nossa cabeça: i) quem mostra que o ser humano pode se tornar sua maior força e companhia? O filme ou a protagonista? ii) o que se torna mais poderoso? ou iii) de quem é a essência que devemos focar?

Sendo assim, aprendemos que a referenciação é importante para que o tema seja mantido. Podemos perceber que em exemplares do gênero resenha esse recurso é indispensável, pois a todo momento é necessário retomarmos o nome da obra, das personagens, dos atores etc. Portanto, para que o texto seja coeso e bem estruturado, a referenciação é algo que merece muita atenção.

Sequenciação

Os mecanismos de conexão servem para guiar o leitor para que ele possa entender as diversas relações estabelecidas entre as ideias. Essas relações são dadas por palavras “que organizam o que está sendo dito, ou seja, os organizadores textuais” (MACHADO, 2004, p. 47). Esses mecanismos auxiliam na expressão de ideias de causa e consequência, de adição, de explicação, entre muitos outros.

Vejamos, o primeiro parágrafo da resenha de *Capitã Marvel*:

Num primeiro momento pode-se pensar que as duas personagens entregam a mesma mensagem, mas as semelhanças entre Mulher-Maravilha e Capitã Marvel se limitam ao fato de que ambas são as primeiras heroínas abordadas nos universos cinematográficos DC e Marvel. Se o primeiro filme, protagonizado por Gal Gadot, abraça o heroísmo fantástico para contar a origem da princesa de Themyscira, o segundo procura contar suas raízes de forma bem mais humana e ligada a uma representatividade que vem de dentro. O foco em simplesmente dar voz às mulheres não só é válido como também funciona duplamente, mas o resultado de tais forças é bem singular.

Neste momento, o autor dá início ao movimento de apresentação do filme a ser resenhado, porém, ao invés de apresentar diretamente a Capitã Marvel, ele faz uma comparação com outra super-heroína: a Mulher-Maravilha. A seguir, analisaremos como ele utiliza os mecanismos de conexão para estabelecer essa comparação. Para isso, realize as atividades que seguem.

[...] Num primeiro momento pode-se pensar que as duas personagens entregam a mesma mensagem, [...]



Qual a expressão que o resenhista usa para introduzir o assunto?

[...] mas as semelhanças entre Mulher-Maravilha e Capitã Marvel se limitam ao fato de que ambas são as primeiras heroínas abordadas nos universos cinematográficos DC e Marvel. [...]



Aqui, é possível perceber que há uma oposição à ideia anterior. Qual conector expressa essa adversidade?

[...] O foco em simplesmente dar voz às mulheres **não só** é válido **como também** funciona duplamente, mas o resultado de tais forças é bem singular. [...]



As expressões “não só” e “como também” dão uma ideia de:

() condição () alternância () adição () oposição

Dessa forma, percebe-se que o autor apresenta a “Capitã Marvel” fazendo uma comparação entre as diferenças e as semelhanças nos dois filmes, sendo possível perceber tal comparação a partir dos mecanismos de conexão presentes no parágrafo. Agora, para captarmos o ponto de vista do resenhista, analisaremos o seguinte parágrafo.

Por ser um filme que se passa ora no espaço, ora em terra firme, a originalidade da ambientação logicamente precisava ser forte. **Capitã Marvel** não entrega um show de referências do MCU, mas é um deleite para fãs de música e das décadas de 80 e 90. Desde o figurino utilizado por Carol (a blusa da banda Nine Inch Nails traduz bem o movimento da época, assim como citações ao grunge) até os locais apresentados (seja a icônica Blockbuster, a profissão como piloto, que remete a filmes como **Top Gun**, ou o bar que tanto visitou), o longa consegue transmitir parte da essência da época transcorrida, ainda mais por ter forte importância na linha do tempo dos filmes da Marvel como um todo. As referências são mais contidas, mas as selecionadas já têm ótimas e empolgantes justificativas.



Ao introduzir o parágrafo, o resenhista faz uma pequena contextualização dos lugares onde o filme passa e, para isso, utiliza a expressão “ora no espaço, ora em terra firme”. Assinale a alternativa que apresente a ideia que esses mecanismos representam:

- () condição () alternância () adição () oposição

[...] Capitã Marvel não entrega um show de referências do MCU, mas é um deleite para fãs de música e das décadas de 80 e 90. [...]



O autor, neste trecho, apresenta duas ideias: que *Capitã Marvel* não parece estar totalmente inserida no universo Marvel e que o filme é ótimo para aqueles que gostam de músicas de outras décadas. Porém, entre as duas ideias há um conectivo que representa:

- () condição () alternância () adição () oposição

[...] **Desde** o figurino utilizado por Carol (a blusa da banda Nine Inch Nails traduz bem o movimento da época, assim como citações ao grunge) **até** os locais apresentados (seja a icônica Blockbuster, a profissão como pilota, que remete a filmes como Top Gun, ou o bar que tanto visitou), o longa consegue transmitir parte da essência da época transcorrida, **ainda mais** por ter forte importância na linha do tempo dos filmes da Marvel como um todo. [...]



Observe as expressões destacadas, todas elas antecedem os argumentos do autor sobre o filme ser um deleite para aqueles que são fãs de músicas de outras épocas. A partir do sentido que elas apresentam e a ordem em que elas estão distribuídas no texto, é possível afirmar que:

()	o primeiro argumento é o mais forte, já que a utilização dos mecanismos de conexão serve para destacar o primeiro e deixar os mais fracos para apresentar posteriormente.
()	todos os argumentos tem o mesmo peso, pois os mecanismos de conexão presentes dão a ideia de que nenhum parece ser mais forte que o outro.
()	o último argumento é o mais forte, por isso a utilização dos mecanismos é necessária, pois assim é perceptível uma ideia de gradação.



Volte à resenha do filme *Capitã Marvel* e destaque todos os mecanismos de conexão que você encontrar. Logo após, preencha o quadro abaixo de acordo com que cada um expressa.

Conectivos que expressam oposição	Conectivos que expressam adição	Conectivos que expressam tempo	Conectivos que expressam alternância

Sistematizando

Os mecanismos de referência e de sequenciação, como já estudamos, organizam o texto. Com eles, é possível conduzir seu leitor pelos movimentos retóricos do texto, ou seja, você pode dar uma ideia de linearidade no texto, apresentando as etapas do gênero de forma clara; apresentar comparações entre uma obra ou outra; dar ênfase em aspectos importantes; apresentar argumentos de forma mais convincente; retomar os referentes de maneira adequada; entre tantos outros recursos que a sequenciação nos propõe.

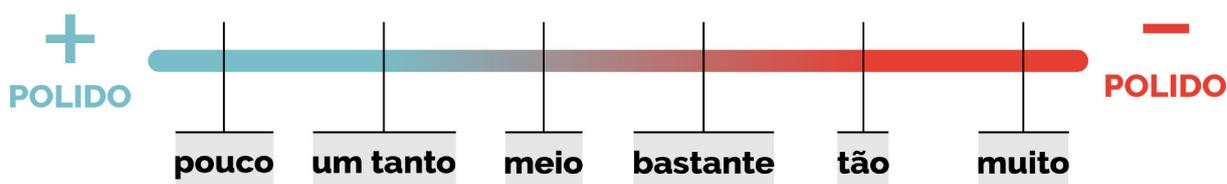
Polidez

Como estudamos (ver movimentos retóricos p. 18), a avaliação é uma das características do gênero resenha. A partir dela, o resenhista apresenta comentários que qualificam a obra ou não, deixando claro seu ponto de vista. Para que esse movimento seja efetivado de forma coerente, o autor precisa ser polido, ou seja, não usar expressões que possam agredir ou desrespeitar seu público, já que é necessário manter um equilíbrio social e relações amigáveis entre autor e leitor. Dessa maneira, o resenhista deve atenuar afirmações negativas que possam agredir o autor da obra resenhada.

Vejamos, a seguir, um trecho da resenha sobre o filme *Capitã Marvel*:

[...] O enredo se apropria de um twist narrativo **um tanto** já utilizado, mas a mensagem sobre a relação entre opressor e oprimido é muito bem aproveitada. [...]

Observe que o resenhista utiliza o advérbio “um tanto” para atenuar sua crítica negativa sobre o enredo. Mas e se o autor utilizasse outro advérbio de intensidade? Observe a lista a seguir em que os advérbios estão organizados do mais polido para o menos polido:





Agora, no mesmo fragmento, substitua o advérbio pelo menos polido da escala:

[...] O enredo se apropria de um twist narrativo _____ utilizado, mas a mensagem sobre a relação entre opressor e oprimido é muito bem aproveitada. [...]



Sendo assim, você percebe o trecho com uma forma mais polida ou mais agressiva? Por quê?

Leia, a seguir, um fragmento retirado de outra resenha sobre o filme *Capitã Marvel* e sublinhe a avaliação do resenhista:

[...] “Brie Larson, como Carol, é carismática, transportando sua ironia, seu atrevimento, para dentro das cenas de ação – que não são muito boas, entretanto. O roteiro e a direção de atores compreende com precisão a comunicação entre a premissa e a execução do projeto.” [...] ¹⁰

Fonte: <https://www.planocritico.com/critica-capita-marvel-com-spoilers/>



O resenhista apresenta uma avaliação negativa ou positiva? A partir de quais categorias gramaticais podemos perceber essa crítica?

Novamente, leia outro fragmento do mesmo filme e sublinhe os fragmentos que contêm avaliações do resenhista.

¹⁰ Confira a resenha completa na página 56.

[...] “Não entendam mal. Queríamos muito amar Capitã Marvel, como ocorreu com o importantíssimo Pantera Negra. A expectativa era alta, afinal. Trata-se primeira heroína a estrelar um filme do estúdio, interpretada por uma ganhadora do Oscar (Brie Larson ficou com a estatueta pelo filme O Quarto de Jack). Os trailers prometiam uma aventura espacial e colorida. Acontece que tudo acaba mais cinza do que se esperava - e entenda isso nos sentidos literal e metafórico.” [...] ¹¹

Fonte: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/analise-sem-sal-filme-capita-marvel-faz-estudio-regredir-11-anos/>



Nesse trecho, há uma avaliação negativa que é marcada pelos verbos. Quais os tempos verbais comprovam isso?

<input type="checkbox"/>	Presente, já que a expressão está sendo usada no mesmo momento de fala.
<input type="checkbox"/>	Pretérito perfeito, já que expressa um fato que aconteceu no passado e foi integralmente finalizado.
<input type="checkbox"/>	Pretérito imperfeito, já que expressa uma hipótese, ou seja, um fato que poderia ter ocorrido, mas não foi finalizado.
<input type="checkbox"/>	Futuro do presente, já que expressa um fato que ainda vai ocorrer.
<input type="checkbox"/>	Futuro do pretérito, já que expressa um fato que poderia ter acontecido.



Sendo assim, quais as categorias gramaticais são mais recorrentes para expressar a opinião do resenhista?

- | | | |
|---------------------------------------|----------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Substantivos | <input type="checkbox"/> Verbos | <input type="checkbox"/> Advérbios |
| <input type="checkbox"/> Pronomes | <input type="checkbox"/> Artigos | <input type="checkbox"/> Adjetivos |

¹¹ Confira a resenha completa na página 60.



De que modo essas categorias gramaticais constroem a polidez evitando que o resenhista agrida o autor da obra resenhada?

Agora que estudamos as categorias gramaticais que auxiliam na construção de um texto polido, vejamos como a polidez modifica a interpretação de um texto. Observe e analise os fragmentos retirados de uma resenha sobre um álbum da cantora Anitta, intitulada “BANG é a definição perfeita de um álbum OK”.

TRECHO 1: “[...] O que derrapa é a letra, que apela para clichês-cult, como citar Drummond e Cannes, possivelmente uma tentativa de vê-la viralizando em frases soltas no Facebook e sendo citada com imagens de pôr do sol com filtros de Instagram. [...]”

TRECHO 2: “[...] “Volta Amor” também peca pela falta de originalidade: a faixa lembra mais um jingle de comercial do que um grande hit. Porém, o fato de ser uma música tão genérica pode fazer com que ela seja uma potencial canção favorita nas rádios brasileiras. [...]”

TRECHO 3: “[...] O álbum começa a perder força nas últimas faixas. Se, entre as 10 primeiras músicas, pelo menos 80% podem se tornar hits poderosos, as quatro últimas não têm o mesmo poder. [...]”

TRECHO 4: “[...] Estamos, então, diante de um álbum bom, de forma geral, com grandes hits que prometem tocar nos nossos ouvidos ao longo do ano que vem. Não é nada genial, mas tem o seu valor, pois mostra a capacidade da cantora de se reinventar em outros estilos, mas derrapa muito em alguns momentos. Ou seja, um álbum “OK”. [...]”¹²

Adaptados de: <https://www.cifradubnews.com.br/noticias/101419-anitta-se-reiventa-em-album-com-hits-em-potencial-mas-derrapa-no-fim.html>

¹² Confira a resenha completa na página 62.

É possível perceber que há marcas de avaliação negativa nos trechos, as quais desqualificam a obra. Entretanto, o resenhista tem um certo cuidado com o vocabulário ao depreciá-la. Vejamos novamente os trechos 1 e 2, porém com algumas modificações:

TRECHO 1	<p>“[...] O que derrapa é a letra, que apela para clichês-cult como citar Drummond e Cannes, possivelmente uma tentativa de vê-la viralizando em frases soltas no Facebook e sendo citada com imagens de pôr do sol com filtros de Instagram. [...]”</p>	<p>“[...] O que ficou péssimo foi a letra, que apela para clichês-cult como citar Drummond e Cannes, possivelmente uma tentativa de vê-la viralizando em frases soltas no Facebook e sendo citadas, pateticamente, com imagens de pôr do sol com filtros de Instagram. [...]”</p>
TRECHO 2	<p>“[...] “Volta Amor” também peca pela falta de originalidade: a faixa lembra mais um jingle de comercial do que um grande hit. Porém, o fato de ser uma música tão genérica pode fazer com que ela seja uma potencial canção favorita nas rádios brasileiras. [...]”</p>	<p>“[...] “Volta Amor” também é fraca pela falta de originalidade: a faixa mais parece um jingle chato de comercial do que um grande hit. Porém, o fato de ser uma música tão genérica pode fazer com que ela seja uma potencial canção favorita nas rádios brasileiras, infelizmente. [...]”</p>

Na segunda versão dos trechos, não há cuidado com as palavras utilizadas para desmerecer o álbum, demonstrando falta de polidez.

Para percebermos a influência dos princípios de polidez no texto, realize a mesma atividade apresentada anteriormente, mas com os trechos 3 e 4. Logo após, faça uma releitura dos fragmentos modificados e perceba como a polidez é necessária em uma resenha.

TRECHO 3: “[...] O álbum começa a perder força nas últimas faixas. Se, entre as 10 primeiras músicas, pelo menos 80% podem se tornar hits poderosos, as quatro últimas não têm o mesmo poder. [...]”

**TRECHO 3'**

TRECHO 4: “[...] Estamos, então, diante de um álbum bom, de forma geral, com grandes hits que prometem tocar nos nossos ouvidos ao longo do ano que vem. Não é nada genial, mas tem o seu valor, pois mostra a capacidade da cantora de se reinventar em outros estilos, mas derrapa muito em alguns momentos. Ou seja, um álbum “OK”. [...]”

**TRECHO 4'**

Sistematizando

A polidez possibilita atenuar comentários e avaliações para não ofendermos o(s) responsável(is) pelo objeto cultural e para não desrespeitarmos nosso público-alvo. Portanto, os recursos da polidez são extremamente necessários e importantes para o gênero resenha para mantermos uma relação gentil e educada entre resenhista e público-alvo.

UNIDADE 2

Produzindo um exemplar do gênero resenha

Agora que você (re)conheceu o gênero resenha, chegou o momento de sua produção!

Proposta de produção

Escolha um objeto cultural (filme, livro, álbum musical etc.) de sua preferência e produza um exemplar do gênero resenha. Seu texto poderá ser publicado em um site ou blog relacionado ao objeto que escolheu, portanto, ele deverá ser direcionado a um público-alvo que se interesse ou que queira conhecer o objeto resenhado.

Para planejar o seu texto, sugerimos o roteiro a seguir.

Qual objeto cultural você irá resenhar?



Quais os aspectos você pretende avaliar?

(enredo, músicas, personagens, atores, cenário, figurino, roteiro etc.)



Você avaliará positiva ou negativamente cada um destes aspectos?



Você recomenda este objeto cultural? Por quê?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA, Gomes, B. **Propósito Comunicativo Em Análise De Gêneros**, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a11>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BIEZUS, M. de F. G. T.; SELLA, A. F. A coesão textual na tessitura do texto: a referenciação como artifício de construção de objetos discursivos. **Anais do CELSUL**, [S. l.], 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/coesao_textual_tessitura.pdf. Acesso em: 19 abr. 2019.

ECKERT, G. P.; PINTON, F. M., 2015. Descrição e análise do artigo de opinião veiculado no Jornal Zero Hora. In: **Anais do XV Seminário Internacional em Letras**, Santa Maria, 2015.

FONTANA, N. M. et al. **Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009, p. 148.

GAGLIARDI, E. AMARAL, H. **Pontos de vista**. São Paulo: CENPEC: Fundação Social; Brasília, DF: MEC, 2008 (Adaptado).

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **A ação dos verbos introdutórios de opinião**. In: _____. Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PASSARELLI, M. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

PINTON, F. M. A produção textual nas aulas de língua portuguesa: múltiplos olhares no currículo escolar. In: **O currículo em suas interfaces com a educação básica e superior**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

_____. Caderno de Atividade de Leitura e Produção textual. UFSM, CAL, Departamento de Letras Vernáculas, 2016.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos**. 8. ed. São Paulo: Globo, 1994.

ANEXO - RESENHAS COMPLETAS

Ao longo deste material, lemos fragmentos de outras resenhas além daquelas que estão no caderno. Portanto, aqui você poderá ler todas as resenhas na íntegra.

Resenha do fragmento 1 na página 18:

Outros Jeitos De Usar A Boca – Rupi Kaur

por Aione Simões

Outros Jeitos de Usar a Boca é a coletânea de poemas de Rupi Kaur, publicada no Brasil pela editora Planeta. A opção do título em português – bastante distante do original, *Milk and Honey* – remete à parte do conteúdo que será encontrado nos versos: uma poesia empoderadora feminina, que, entre outras temáticas, questiona o sistema patriarcal e o local da mulher na sociedade.

O livro é dividido em quatro temáticas principais: A Dor, O Amor, A Ruptura e A Cura. Em cada uma delas, Rupi Kaur discorre com sensibilidade e precisão. Como a maioria dos poemas é bastante curta, a autora precisa transmitir sua mensagem em poucas palavras, o que ela faz com facilidade. Também, por conta da própria extensão, os versos se tornam ainda mais impactantes.

Como as poesias de *Outros Jeitos de Usar a Boca* são estruturadas em versos livres, há uma fluidez que os percorre. Há uma sensação narrativa em cada poema, mesmo nos menores; no caso dos mais longos, assumem um ar mais próximo de um texto em prosa, como uma crônica, por exemplo. Ainda não pude deixar de me perguntar sobre o trabalho de tradução. Se traduzir por si só já é um processo complicado, em se tratando de poesia as dificuldades são redobradas, visto que muitas vezes há um trabalho de sonoridade que pode ser perdido na transposição de um idioma para outro. Não li os poemas originais, mas tive a sensação de que Ana Guadalupe, tradutora, conseguiu realizar no português algo muito próximo do trabalho em inglês, mantendo, assim, a proximidade com a escrita de Rupi Kaur.

Além da escrita propriamente dita, muitos dos poemas são acompanhados de ilustrações da própria autora, o que amplifica a experiência de leitura. Os traços são leves e, muitas vezes, bastante simples, mas extremamente expressivos.

O que posso dizer é que fiquei encantada pela leitura. Já havia me deparado com trechos de poemas pelas redes sociais, mas foi ótimo poder ler *Outros Jeitos de Usar a*

Boca como um todo. Fiz uma leitura rápida, mas que me despertou emoções e reflexões. O que mais gostei, sem dúvida alguma, foram as temáticas abordadas por Rupi Kaur e seu olhar sensível e crítico para elas. Há poemas mais leves, outros bastante pesados, e em todos uma forte presença emocional. A autora, em especial, coloca a mulher em evidência e questiona diferenças ocorridas entre os gêneros, seja em relação ao sentir, seja em relação ao tratamento dado a homens e mulheres — e a violência contra a mulher não fica de fora do retratado. Muitos poemas ainda abordam a sexualidade feminina, e adorei a maneira de como isso foi feito, evidenciando o direito da mulher a própria sensualidade, que não deve jamais existir para nos subjugar ou diminuir. Para mim, esse é um livro, acima de tudo, sobre resistência.

Disponível em: <https://www.minhavidaliteraria.com.br/2018/11/23/resenha-outros-jeitos-de-usar-a-boca-rupi-kaur/>. Acesso em: 28 mar. 2019. (adaptado).

Resenha do fragmento 2 na página 18:

Do Funk Para O Mundo: Confira O Review Do Álbum Audiovisual ‘Kisses’ De Anitta

por Anna Dalbem

O tão esperado álbum audiovisual e trilingue de Anitta saiu! Na meia-noite de 05 de abril de 2019, sexta-feira, ‘Kisses’, quarto disco da cantora, entrou em todas plataformas digitais. Com 10 músicas, 10 clipes e 10 Anitta’s diferentes, o álbum conta com diversas participações especiais. De Snoop Dogg a Caetano Veloso, já podemos ver o quão inusitado é o projeto.

Embora o álbum seja confuso, já que as músicas são bem distintas, percebemos que essa é a lógica do novo trabalho. Mas o que será que devemos esperar dos clipes? Confira faixa a faixa:

Atención

“Cês pensaram que eu não ia rebolar minha bunda em espanhol, né?!”. A faixa engana no começo com uma melodia country nos primeiros segundos, mas, de forma inesperada, a música vira um pop com batidas fortes. Abordando o empoderamento feminino, a cantora fala sobre seu trabalho e críticas: “Essa Anitta é independente e gosta de exaltar as outras mulheres. Não gosta de ver julgamentos entre mulheres e defende a liberdade. Gosta de fazer o que tem vontade e tem como missão levar o empoderamento feminino pra frente. Ela gosta de provocar pessoas que costumam julgar ou diminuir mulheres. Ela se preocupa com causas sociais e acredita que sua vaidade e sua beleza estão na sua atitude e maneira de ser. Para ela existe beleza em todos os tipos de padrão”.

Banana

Com participação da americana Becky G., a faixa traz bastante ousadia na letra, remetendo-se a doces e frutas. Com um ritmo bem pop, a música tem tudo para entrar nas paradas e baladas. Segundo a própria cantora, essa Anitta leva tudo no sarcasmo e no bom humor: “Gosta de manter suas escolhas e modo de vida revestidos e protegidos por muita brincadeira de duplo sentido, assim sempre tem o benefício da dúvida. Sua sensualidade é o bom humor e ri de si mesma. Tem um estilo irreverente e cheio de cores”. Será que já podemos esperar um clipe lacrador?

Onda Diferente

Talvez uma das músicas mais esperadas pelo público por ter participação especial do rapper Snoop Dogg, ela começa lenta, até que o batidão de funk invade. Apesar das misturas de artistas, Anitta, Ludmilla, Snoop e Papatinho trazem uma música que é a cara do Brasil. De acordo com a cantora, essa versão de Anitta dança conforme o ritmo: “Ela sempre encontra um jeito de se encaixar no ambiente onde é colocada. Não importa se é diferente do que ela está acostumada. Ela parece uma máquina, um robô, obedece aos comandos com uma disciplina disfarçada de naturalidade e consegue chamar atenção mesmo nas mais estranhas situações. Ela é camaleão, seu estilo muda conforme o habitat”.

Sin miedo

Em espanhol, a cantora deixa claro que vive o momento e que não tem tempo para arrependimentos: “Essa Anitta representa a palavra “impulsividade”, desconhece a palavra “consequência”. Acredita que a vida é uma só e ela não pode perder sequer uma oportunidade de aproveitá-la ao máximo. Para ela, toda e qualquer experiência soma como saldo positivo no seu livro de acontecimentos, mesmo que não tenho sido tão boa assim”.

Poquito

Essa faixa bilíngue mistura inglês e espanhol e a colaboração com o rapper americano Swae Lee dá um toque romântico para a música. Segundo Anitta, essa versão é sexy, porém romântica e sonhadora: “Ela usa sua ingenuidade como forma de sedução. Se entrega aos poucos e assim vai amarrando seu parceiro como numa teia de aranha muito bem articulada. Ela tem fantasias românticas com desfechos futuros e cinematográficos. Só se entrega quando realmente sente que vale a pena e faz isso de maneira inteligente”.

Tu y yo

Com participação do cantor Chris Marsh, Anitta canta uma música lenta e romântica, mas sensual. Como ela mesma descreve, essa versão não se entrega totalmente nem na hora da sedução: “Essa Anitta não desce do salto. Suas armas para a conquista são as palavras e seu intelecto. Ela até deixa saber o que está por baixo de toda aquela pose, mas faz isso em doses homeopáticas usando mais a imaginação do parceiro do que se entregando de fato. O que acontece você só descobre no último segundo, mas não se arrepende. O mistério é sua isca. Seu estilo não mostra tanto, mas te faz imaginar tudo”.

Get To Know Me

A introdução dessa música você já deve conhecer, né? A melodia faz parte da abertura da série “Vai Anitta”, de 2018, da Netflix. Fica a questão no ar: desde quando a cantora estava planejando o álbum?

A faixa em inglês, em parceria com o DJ Alesso, fala sobre conhecer mais a Anitta, que se diz estar em processo de amadurecimento e de autoconhecimento. Tudo a ver com a série! “Ela é uma adolescente por dentro, ainda imatura e descobrindo a vida, suas relações e atitudes são quase um episódio de série adolescente. Cheia de pequenos conflitos internos que só são gigantes na sua própria cabeça. Ela te cativa com o jeito menininha de ser e te faz querer voltar aos tempos de escola pra viver a leveza dos complexos pequenos dilemas da vida adolescente”, completa.

Rosa

Com participação do cantor norte-americano Prince Royce, a faixa possui uma letra e ritmo bem sensuais. Essa Anitta tem a sensualidade à flor da pele: “Ela te hipnotiza pelo olhar como uma medusa. É impossível não ser capturado uma vez que olhe para seus olhos. Essa Anitta sabe seduzir com armas invisíveis. Quando você menos espera, já está envolvido. Essa Anitta não fala, ela exala”.

Juego

Nessa faixa espanhol, a cantora fala sobre dominar e sempre ter algo em jogo. Segundo Anitta, essa versão é a definição da palavra “boss”, chefe em inglês: “Ela comanda, ela faz acontecer, ela lidera. Todos a respeitam. Sua sensualidade está nas suas conquistas, no seu trabalho duro. Os homens se intimidam ao seu lado. Sua confiança é sentida a quilômetros de distância. Não tem vaidade e desce do salto a hora que precisar. Aliás, talvez ela nem esteja de salto. Essa Anitta inspira as pessoas pela forma que comanda sua própria vida e não deve satisfações a ninguém. Ela não fica triste, ela não abaixa a cabeça, ela tem solução pra tudo e as pessoas a veem como um refúgio”.

Você mentiu

Com participação de, ninguém mais, ninguém menos, que Caetano Veloso, Anitta faz um dueto lindíssimo com o cantor. A música lembra bastante outra faixa da cantora, “Will I See You”, lançada em 2017 no projeto CheckMate.

A letra fala sobre um relacionamento amoroso, mentiras e reconciliação. Segundo a cantora, essa versão de Anitta é sentimental: “Ela é muito adulta, madura e um pouco decepcionada com as atitudes desumanas das pessoas. Ela tem esperança de um mundo melhor. Ela não tem vaidade, não precisa de maquiagem, não se importa com seu estilo. Acredita que a beleza das pessoas está no caráter. Ela é generosa, serena e simples por dentro e por fora”.

*Resenha do fragmento 3 na página 20:****Pantera Negra (2018) | Crítica***

por Caroline Borba

Quando apareceu a primeira vez em *Capitão América: Guerra Civil (2016)*, o *Pantera Negra* causou grande expectativa. Ao sair do cinema, eu tinha a sensação de que um herói muito incrível havia sido inserido no Universo Cinematográfico da Marvel e fiquei ansiosa para assistir a história solo do personagem. Apesar de o filme não ser tudo que eu imaginava, a obra tem muito mérito e aponta discussões relevantes.

O primeiro ponto que merece destaque é a questão da representatividade, e aqui dois aspectos são muito importantes: a cor e o gênero. Até então, a Marvel só havia nos apresentado heróis brancos e, em sua esmagadora maioria, homens. Por mais que vários outros elementos que compõem as personagens sejam importantes para estabelecermos uma ligação, os dois citados acima são os primeiros pontos que chamam a atenção. Dessa forma, o estúdio expande o seu universo ao apresentar homens negros com fonte de riqueza e poder, como T'Challa (interpretado por Chadwick Boseman) e Erik Killmonger (interpretado por Michael B. Jordan), e mulheres negras fortes, guerreiras e determinadas, como Nakia (interpretada por Lupita Nyong'o) e Okoye (interpretada por Danai Gurira).

O mote principal da história é a disputa pelo trono de Wakanda e toda a sua fonte de Vibranium (o mesmo metal do escudo do Capitão América). A cidade veio sobrevivendo ao longo do tempo graças a proteção do *Pantera Negra* – que há muitos anos unificou as cinco tribos da região. Com a morte de seu pai, T'Challa precisa passar por um ritual para assumir o trono: cada um dos líderes das tribos pode oferecer um desafio para confrontá-lo em uma luta até a morte ou até que um deles desista. O vencedor ganha o reino e os poderes do *Pantera*. Isso serve de pano de fundo para uma discussão profunda sobre as escolhas que o pai de T'Challa, assim como outros reis, fizeram ao longo dos anos. Ao assumir, ele deseja manter a tradição de esconder a cidade e toda as suas riquezas, bem como de não interferir em disputas de outras nações.

Como contraponto a visão de mundo de T'Challa, temos a personagem de Lupita Nyong'o que, apesar de gostar do seu rei, não acredita que essas escolhas estejam ajudando as pessoas negras que vivem fora do território. Dessa forma, ela busca, por conta própria, outras maneiras de lutar e proteger seu povo. Essa também é a ideia do personagem de Michael Jordan (que, por sinal, está muito bem nesse filme), mas sua busca por justiça vem de anseios mais violentos e radicais. Sendo também um

herdeiro legítimo ao trono, visto que é primo de T'Challa, Erik quer usar todo o avanço tecnológico e poder de fogo de Wakanda para eliminar quem ele acredita ser o inimigo.

A sensação que tenho é que tanto T'Challa quanto Erik têm pontos de vistas válidos, mas, ao mesmo tempo, controversos. Por um lado, o novo rei acredita que a melhor forma de proteger seu povo é mantendo Wakanda e sua fonte de Vibranium escondidos, mesmo que precise ignorar as disputas e mortes que ocorrem fora do território. A negligência beira, até mesmo, os povos de dentro da comunidade, como na cena em que o líder da tribo dos Jabari nega ajuda dizendo que ele é o primeiro rei que visita sua aldeia em séculos e agora quer dizer que todos são um só e devem lutar juntos. Por outro lado, o personagem de Jordan deseja acabar com todo o sofrimento imposto aos negros ao longo dos anos (mesmo que ele mesmo tenha matado vários deles trabalhando no exército). Ele não cresceu em Wakanda, mas em uma região pobre dos EUA. Sua história de vida e visão de mundo são bem diferentes das de T'Challa, de maneira que o personagem tem falas fortes, como “Curar e então me prender? Não. Só me joga no oceano, com meus ancestrais que saltaram dos navios, já que a escravidão era pior que a morte”.

Do ponto de vista estético, o filme é muito bonito. A construção dos cenários (sejam eles digitais ou não), o uso das cores e o cuidado com os figurinos demonstram o quanto a produção e o diretor (e também co-roteirista, Ryan Coogler) tiveram cuidado em transmitir a cultura negra em toda a sua essência e diversidade. É curiosa a forma como o moderno e o antigo se mesclam no filme. É perceptível que Ryan deseja mostrar que por mais avançada tecnologicamente que Wakanda possa ser, nem todas os moradores da cidade, nem os das demais tribos que a norteiam, compartilham desse ‘avanço’ (fica o questionamento se é para mostrar que certos povos desejaram manter suas tradições ou se, na verdade, somente os mais próximos ao rei podem ter acesso à tecnologia). As lutas, apesar de bem sincronizadas, não oferecem tanta ação e movimentos formidáveis do Pantera, mas são razoáveis.

No final das contas, Pantera Negra não é o filme que eu esperava, mas é um filme necessário.

*Resenha do Fragmento 4 na página 20:****Crítica: Pantera Negra é o mais politizado filme do Marvel Studios***

por Claudio Yuge

Nada das piadinhas de Tony Stark, do jeito charmoso de Peter Quill ou das trapalhadas do Homem-Aranha. “Pantera Negra” oferece estofo para o já bem povoado Universo Cinematográfico Marvel (ou Marvel Cinematic Universe – MCU) e traz engajamento para as causas mundanas, coisas que os super-heróis – ultimamente mais tridimensionais – deveriam lidar. É o mais politizado longa do Marvel Studios até agora.

A trama traz à tona as origens milenares dos Panteras Negras, um manto que é passado de pai para filho e que tradicionalmente fica na linha de sucessão entre os aspirantes ao trono do evoluído – mas não aos olhos do mundo – reino de Wakanda. O local é o lar de um dos mais resistentes, versáteis e poderosos metais do universo Marvel, o Vibranium, do qual parte do escudo do Capitão América era feito.

Ao assumir o papel do pai T’Chaka, que morreu em “Capitão América: Guerra Civil”, T’Challa precisa passar pelo ritual de aceitação das cinco tribos de Wakanda. O problema começa quando pecados do passado aparecem para assombrar nosso novo Pantera Negra e é aí que vamos descobrir porque ele é diferente de todos os anteriores.

Caracterização fiel de Wakanda

Uma das primeiras coisas que enche os olhos dos espectadores é a caracterização de Wakanda, que se dá de forma bem mais eficiente que a representação de Asgard, de Thor, ou Xandar, da Tropa Nova, em “Guardiões da Galáxia”. É uma mistura de sociedade tribal com tecnologia extremamente avançada, algo que desafia os melhores momentos de clássicos da ficção científica.

O figurino ficou excelente, assim como toda construção da língua, dos hábitos e das tradições do wakandianos. Parece um pouco de tudo o que já vimos de tribos africanas, mas ao mesmo tempo soa novo, com um certo frescor e com aquele “dedinho” da Marvel.

Para que a ambientação fosse perfeita, foram necessários muitos diálogos e boas atuações de Chadwick Boseman (T’Challa), Lupita Nyong’o (Nakia), Danai Gurira (Okoye), Forest Whitaker (Zuri), Daniel Kaluuya (W’Kabi) e Angela Basset (Ramonda).

Além disso, é preciso fazer uma grande menção a trilha e efeitos sonoros: os barulhos das naves, a assinatura “verbal” das castas e as composições de Kendrick Lamar, caíram como uma luva em cada uma das sequências. São esses detalhes que acrescentam mais textura a esse cantinho do MCU.

Essas mulheres poderosas

É impossível falar sobre esse longa sem mencionar as coprotagonistas do filme — chamá-las de coadjuvantes seria reduzir sua importância na trama. A guarda pessoal do rei, as Dora Milaje comandadas por Okoye, fariam os 300 de Esparta ronronar e dormir em posição fetal no cantinho do penhasco.

Shuri (Wright), a irmã mais nova do Pantera, tem igual importância dos quadrinhos — e já até assumiu o papel oficial de Pantera Negra nas revistas — e aqui é um verdadeiro gênio adolescente. Suas criações deixam as de Tony Stark no chinelo.

Além disso, ainda que sejam os homens que lutem pelo posto de rei de Wakanda, o verdadeiro poder vem da Deusa Bast e fica claro que há um sistema matriarcal na linhagem de T'Challa. Isso é muito bom e leva o significado do heroísmo para uma audiência ainda mais ampla, sem o tradicional “interesse romântico” ou “mocinho salva mocinha” que já está ultrapassado há tempos.

Ver o Pantera lutando é demais, mas... faltou ação

Para poder caracterizar com fidelidade como funcionam as tribos e os detalhes de Wakanda, o diretor Ryan Coogler precisou pagar um preço: teve que dar mais atenção aos diálogos e construção dos personagens ao invés de entregar muita ação.

Os momentos em que T'Challa luta são escassos, porém impressionantes. Aliás, o Marvel Studios parece ter encontrado uma fórmula para fazer isso, assim como a Marvel Comics tem um “Marvel Way to Draw Comics” que sempre prioriza os movimentos em seu momento mais importante da parábola. Além disso, vale destacar que o estúdio faz um trabalho impressionante ao dar uma assinatura de movimentos para cada herói. A maneira como o Pantera Negra soca, chuta ou se defende é diferente do Capitão América, do Homem-Aranha, do Thor ou da Viúva Negra; cada um tem um estilo bem definido e só seu.

As mensagens políticas e as dicotomias apresentadas no roteiro precisaram de mais atenção. E o produtor Kevin Feige aprendeu algo importante com as bem-sucedidas trilogias e as fracassadas adaptações do passado. Não se pode dar tudo de uma vez, a continuação precisa ser melhor, e assim por diante. Isso pudemos conferir com o próprio Thor e com o mais novo Homem-Aranha.

O velho problema dos vilões

Bem, não é de hoje que os antagonistas — chamar de vilão chega a ser exagero — do MCU deixam a desejar. E aqui não é diferente. Ou eles são muito carismáticos ao ponto de se tornarem queridos, exemplo de Loki, ou eles são tão dispensáveis que só estavam lá para fazer volume e para a trama andar.

O primeiro caso é o de Erik Killmonger, que até é bem construído e conta com um convincente Michael B. Jordan no papel. O segundo, infelizmente, é o do Ulysses

Klaue (Andy Serkis). Muitos dos marvetes bem que gostariam de ver sua transformação total em Garra Sônica, que, apesar de ser super cafona nos quadrinhos, teve participações importantes, como nas primeiras Guerras Secretas.

Ou seja, aqui é melhor mesmo deixar esse quesito para lá.

Vale a pena?

“Pantera Negra” é o mais sério e politizado de todos os filmes do Marvel Studios e aborda questões mais profundas do que “Capitão América: O Soldado Invernal”, “Capitão América: Guerra Civil” e “Vingadores: A Era de Ultron”. Muita gente vai sentir falta das tradicionais piadinhas a cada 15 minutos.

Sua representatividade, incluindo os subtextos sobre gênero e etnias, ecoa mais forte nos tempos em que vivemos — o que deixa uma marca ainda mais poderosa no cinema e no MCU. Com isso, corre também o risco de ficar datado. É um preço que T’Challa, e nós, podemos pagar: afinal, vê-lo cair e levantar, torna-se um rei, um herói, um rebelde e um vingador, pode ser uma diversão e tanto, com uma baita mensagem no meio de tudo isso.

Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/127282-critica-pantera-negra-politizado-filme-marvel-studios.htm>.
Acesso em: 15 jun. 2019. (adaptado).

Resenha do fragmento 5 na página 37:

Crítica | Capitã Marvel (Com Spoilers)

por Gabriel Carvalho

Prelúdio à Heroína

O que significa um personagem carregar o nome de uma empresa em seu nome, uma empresa que significa espanto, maravilha e admiração? Espanto para aqueles que não esperavam ver uma mulher no posto do super-herói mais poderoso de um universo — e sim, a Capitã Marvel (Brie Larson) é vista dessa maneira pelo longa-metragem. E, conseqüentemente, um senso de maravilha e admiração ao fim da projeção porque sua obra-homônima é basicamente uma construção de um mito, paralelamente à construção de uma personagem. Carol Danvers pode não ser a personagem feminina mais relevante no cânone da editora, contudo casa perfeitamente com a ideia na qual os universos de super-heróis se fundamentam, principalmente esse específico. Isso significa a Marvel.

E ler Marvel sempre foi sobre identificar-se ao maravilhamento, sendo uma criança que olha para os quadrinhos e é capaz de admirar coisas que eram relacionáveis

ao mundo real, seja um contexto político, seja dilemas pessoais e ordinários, seja a cor de uma pele, uma realidade própria ou o gênero do leitor. E Capitã Marvel é uma obra que, fora a representatividade óbvia que carrega por trazer uma única protagonista feminina – a primeira em vinte e um filmes já lançados –, consegue unir as essenciais singularidades Marvel com o pretexto pelo encantamento e pela crença no impossível, na grandiosidade do ser. É a primeira vez que a Marvel Studios decide criar uma personagem – até o seguinte momento – completamente “marvel”. Um Superman para o hoje.

E tudo isso surgindo após o evento cinematográfico chamado Vingadores: Guerra Infinita, que culminou no fracasso compartilhado por todos os heróis já apresentados pela empresa. É possível acreditar em salvação quando o Homem de Ferro, o Thor e o Capitão América não conseguiram prevenir o mundo da catástrofe? Não estamos apenas falando aqui de filmes inspirados em quadrinhos, e sim filmes que carregam o conceito de super-herói em seu DNA. Muito mais que personagens muito bons e inseridos em histórias decentes, estamos presenciando a construção de símbolos. Capitã Marvel é o símbolo mais significativo que a Marvel Studios já ousou construir. Sua obra homônima concretiza o que a cena nos créditos de Vingadores sugeriu a nós: esperança.

Impacto da Heroína

Anteriormente, muitas obras dessa saga cinematográfica buscaram consolidar um viés emocional que costumeiramente soou capenga, como uma morte de um irmão em Era de Ultron ou uma morte de um pai em Thor: Ragnarok. Anna Boden e Ryan Fleck são diretores que, já no texto, compreendem a adaptação dessa personagem à realidade do Universo Cinematográfico Marvel e deixam qualquer vertente sentimentalista de lado – usando-a, curiosamente, apenas no espaço dos antagonistas – para focar numa jornada interior da sua protagonista, uma guerreira Kree chamada Vers, mas que não consegue se lembrar de seu passado. Concilia-se tudo isso com a proposta em questão, que é permitir ao público celebrar Carol, enquanto heroína e também mulher.

O terceiro ato, principalmente o clímax, comprova essas intenções. Quando Carol consegue desbloquear os seus poderes Kree e controlá-los completamente (tornando-se a versão do UCM de Binária, uma de suas personas nos quadrinhos), ninguém se torna páreo à mulher. Uma afirmação de Ronan, o Acusador (Lee Pace), marca “a mulher”, enquanto refere-se à Capitã, não mais como uma arma para os Kree, justamente a intenção que Yon-Rogg (Jude Law), seu mentor (e o primeiro vilão da mitologia do Capitão Marvel, que originou Miss Marvel e, então, a Capitã), possuía para ela. Assim, nasce uma empolgação ao espectador que se assemelha com a aparição de Thor na Batalha de Wakanda, em Guerra Infinita. É o Superman girando a Terra para salvar sua Lois Lane, enquanto, aqui, temos Carol Danvers salvando a Terra para proteger simplesmente duas civilizações inteiras: as dos Skrulls, um supremo plot twist, e as dos terráqueos.

Um empoderamento que também marca a vertente do feminino trajada pelo filme, mas que soa extremamente natural à jornada da personagem, querendo redescobrir sua própria grandeza, característica que a acompanha desde sua infância, como mostram os flashbacks. Capitã Marvel, enquanto obra cinematográfica, também redescobre essa grandeza na personagem. Tais interações com Nick Fury (Samuel L. Jackson) promovem a empatia de um soldado arriscando-se para salvar um novo amigo: pequena amostra de caráter, mas importante porque molda qual é a narrativa da obra. Os outros relacionamentos também abraçam o seu propósito que é coeso, sem degredar. Maria Rambeau (Lashana Lynch) carrega uma reafirmação à elevação pré-Kree de Carol.

Demorou mais de um filme para o Capitão América ir contra o governo, enquanto a inspiração de Danvers, a cientista Wendy Lawson, já é a antítese por excelência das contradições governamentais legitimadas. Carol Danvers é a amálgama das jornadas desses heróis. O despertar dos seus poderes, em uma cena imgeticamente formidável – os poucos casos em que a montagem é realmente uma ajuda para o longa -, lembra Thor: Ragnarok, quando Thor enfrenta Hela. Como Stark em Os Vingadores, Carol também reverte a trajetória de uma ogiva. O longa é sincero, apresentando com coerência justamente a inspiração de Fury para a Iniciativa Vingadores.

Jornada da Heroína

Com isso em mente, os relacionamentos mostram ser um dos corações do longa-metragem. Brie Larson, como Carol, é carismática, transportando sua ironia e seu atrevimento para dentro das cenas de ação – que não são muito boas, entretanto. O roteiro e a direção de atores compreendem com precisão a comunicação entre a premissa e a execução do projeto. Dado o atrevimento, a exemplo, Larson mostra, na encenação, uma confiança em si que é admirável e autoconsciente dos poderes que usufruirá em seguida. O voo surge como uma emancipação do ser perante a instituição – a mulher que não mais possui um papel restrito na sociedade –, agora pronta para seguir os passos daquela pessoa que admirava, Mar-Vell. É sobre o cidadão pensar por si mesmo.

Em uma outra instância, usando a narrativa como propósito e não gratuitamente, Capitã Marvel usa esse relacionamento de admiração, que é core de uma comunicação avantajada entre a obra e a massa, até mesmo de uma maneira literal, por conta do papel que assume uma das antagonistas do lado Kree, a Inteligência Suprema. Mais para frente, tal personagem desponta como uma personificação decente do combate interno da protagonista. O tempo todo reafirma-se uma coerência. O olhar de Monica (Akira Akbar, futura super-heroína, podem anotar) à Carol nota a passagem do culto à imagem de um herói, antes Lawson, à Danvers, assim como acontece a Fury.

Outro gancho bastante importante é o humor que acompanha as reviravoltas com destreza. Na cena inicial, Yon-Rogg aponta para Carol que a comédia é um empecilho

ao seu treinamento. Korath (Djimon Hounsou), mais para frente, não consegue rir. O humor é usado como ferramenta de empatia do público com os personagens, absorvendo melhor as mudanças de lado e até mesmo os maniqueísmos. Por outro lado, Talos (Ben Mendelsohn), o Skrull do mal que se torna o Skrull do bem, é vivido com uma graciosidade inerente a performance de Mendelsohn. Em sua apresentação, confunde-se com certas memórias ao ver flashes do passado de Carol, então capturada pela raça dos “inimigos”. O personagem rouba inúmeras cenas, sempre com delicadeza.

Mesmo assim, a direção para ação não é muito competente. Usa de músicas da época como muleta. A contextualização engrena apenas com a trilha original, que se ritmiza com as propostas de gêneros e atmosfera. Dada a entrada de Fury – os efeitos visuais são bons – na trama, o longa torna-se um buddy cop movie, mais espirituoso por conta dos atores do que das cenas. O som, porém, captura o sentimento intencionado, um pouco televisivo até. O conjunto, nesse ar de televisão, contudo, perde tempo demais sem continuar a explorar suas potências prévias. E o começo da obra, honestamente, é desinteressante, partindo da pobreza visual dada à Hala. Yon-Rogg e os Kree, por exemplo, perdem a presença. Então, vêm as melhorias.

A Heroína em Terra de Faroeste

E, assim, entra um sub-texto estupendo da obra: sobre a América e sobre o herói defender ideais legítimos, e conseguir colocar fim em guerras injustas e absurdas. Como Capitão América: O Soldado Invernal e Capitão América: Guerra Civil, e – para uma noção contrária – também os planos de Thanos em Guerra Infinita, essa é uma obra consideravelmente anti-institucional, preferindo o poder de um herói, a crença no mito, como única possibilidade para o sucesso e não o de exércitos e governos. É realmente a utopia super-heroica, a crença na figura encapuzada e só. A Guerra Kree-Skrull, como revela ser, não é uma guerra, mas sim um extermínio. Ogivas não são jogadas nos planetas por fins libertários, mas destruidores. Inspirado em fatos reais?

Enquanto na conclusão de O Primeiro Vingador, o Capitão América sacrificava-se em prol de milhões de pessoas, porém, terminava sobrevivendo milagrosamente por conta do congelamento de seu corpo de super-soldado, Carol Danvers se sacrifica ao atirar no núcleo da aeronave e, conseqüentemente, ganhando os seus poderes. Mas aqui o ato de sacrifício é causa primeira porque, como super-poderosa, a mulher não precisa se sacrificar – o que molda o clímax completo, um empoderamento da Capitã perante as forças inimigas propostas, indo mais alto, mais longe e mais rápido que elas. Sua mera existência já basta, assim como em Superman – O Filme, Clark Kent meramente existir, entendendo sua missão, era o que importaria para o mundo viver em paz.

A Heroína Marvel por Excelência

Nos moldes por vezes restritivos dos blockbusters de hoje e do consumo em massa de obras de super-heróis, Capitã Marvel mostra sua nobreza e explora suas temáticas

com profundidade e sagacidade. É essencialmente Marvel, a partir da jornada de engrandecimento à protagonista que promove, juntamente com uma ideia de associação. Em comparação a Mulher-Maravilha, sabe muito mais o que fazer com a sua importância, pois Mulher-Maravilha usava sua relevância para a indústria cinematográfica e para a sociedade em cenas mais específicas, terminando por ser valorizada mais externamente que por si só, enquanto em Capitã Marvel a questão da representatividade, o poder da mulher, é parte de sua intenção, parte da sua linguagem particular.

Muito antes de ser a Capitã Marvel, Carol era uma garota destemida encontrando seu espaço num mundo de homens. Uma criança, uma adolescente, uma jovem adulta. A transformação em Kree seria o ponto de partida para a personagem, caso todo o seu passado já não presumisse uma jornada de herói. Em terra de faroeste, Danvers atira primeiro. Durante o confronto final entre a protagonista e Yon-Rogg, Brie Larson é quase uma mistura de Clint Eastwood com Harrison Ford, sem precisar provar nada a ninguém – e a trilha sonora brinca, espirituosamente, com melodias de western. Qual garoto não queria ser seus heróis favoritos? Uma mistura perfeita de crença no mito do herói com crença em poder ser o herói, de uma forma ou de outra. Capitã Marvel é a obra mais Marvel que essa saga cinematográfica já trouxe ao mundo. Contudo, essa é mais. Obrigado, Stan.

Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-capita-marvel-com-spoilers/>. Acesso em: 28 jun. de 2019. (adaptado).

Resenha do fragmento 6 na página 38:

Análise: Sem sal, filme Capitã Marvel faz estúdio regredir 11 anos

E isso não é necessariamente ruim para a produção estrelada por Brie Larson, é somente decepcionante

por Pedro Antunes

Carol Danvers se construiu protagonista dos quadrinhos da Marvel Comics aos pouquinhos. De uma origem a outra, de Ms. Marvel a Capitã Marvel. O fato é que muitos outros personagens usaram a alcunha até a chegada de Danvers, desde a criação de Stan Lee e Gene Colan, estreada em 1967. Depois de Danvers, tudo mudou, contudo.

Figura tão importante das HQs na atualidade, Carol representa todas as transformações pelas quais os quadrinhos mainstream passaram pelos últimos anos. É o início de uma tentativa de equilibrar os pesos entre protagonistas masculinos e femininos. Enfim, as mulheres não são destaques somente pelos uniformes decotados - estavam frente a frente com os figurões.

Não é à toa que na segunda edição da Guerra Civil, evento da Marvel que divide seus heróis em dois lados antagônicos, tem dois líderes: de um lado, Tony Stark, queridinho dos cinemas, no outro, Carol Danvers, a Capitã Marvel.

Isso tudo para dizer que Capitã Marvel, o filme, era o longa certo para o Marvel Studios marcar também uma virada na sua estética de produção em massa. O rolo compressor de filmes de ação com encapuzados há tempos se abriu para novos gêneros de cinema.

Veja, por exemplo, a psicodelia de Doutor Estranho, o humor safado de Homem-Formiga, o clima de espionagem em Capitão América: Soldado Invernal, as aventuras espaciais coloridas de Guardiões da Galáxia e Thor: Ragnarok, ou ainda a excelente união entre ação e temática social de Pantera Negra.

Mas são 11 anos de Marvel Studios. Os filmes citados acima são os destaques, mas há outros que passaram que não fazem falta na memória. Caso de Capitão América: O Primeiro Vingador, ou o primeiro Thor. Até mesmo Homem de Ferro, longa responsável por dar início a tudo isso, em 2008, que é aquilo que podemos chamar de filme-fundação.

Tudo foi construído a partir dele. O que hoje é o Universo Cinematográfico da Marvel nasceu do ataque sofrido por Tony Stark, vivido por Robert Downey Jr, no longa de 2008. Ele construiu uma armadura para evitar que estilhaços chegassem ao seu coração e se tornaria, assim, o primeiro herói dessa nova fase da Marvel nos cinemas.

O filme de Jon Favreau carregava obrigações demais no lombo. Entregou-as com eficiência. Mas não é um filme com “assinatura”. Ainda há um engessamento em Homem de Ferro. Percebemos isso hoje, com olhares vindos 11 anos depois e cientes daquilo a ser erguido a partir daquele momento.

A Marvel ainda tateava o cinema, depois de experiências fracassadas de seus heróis realizadas por outros estúdios - vale lembrar, ou esquecer, dos dois filmes do Quarteto Fantástico - e os acertos, como foi o caso dos dois primeiros longas da trilogia de Homem-Aranha, de Sam Raimi. A Marvel tentava achar o seu tom, o que só se deu, de fato, em 2012, com Os Vingadores, o primeiro filme com a reunião dos principais heróis da franquia.

E, com isso, chegamos ao título desse artigo que, certamente, tem repercutido muito negativamente entre esse seleto grupo de “comentaristas de Facebook que só leem os títulos das matérias”.

Capitã Marvel, interpretada por Brie Larson, é sem sal porque não tem tempero qualquer. Soa como Homem de Ferro, o primeirão, como um grande prólogo escrito para justificar a existência da personagem em aventuras melhores (espero!), mas que ali não condiz.

Não entendam mal. Queríamos muito amar Capitã Marvel, como ocorreu com o importantíssimo Pantera Negra. A expectativa era alta, afinal. Trata-se da primeira heroína a estrear um filme do estúdio, interpretada por uma ganhadora do Oscar (Brie Larson ficou com a estatueta pelo filme O Quarto de Jack).

Os trailers prometiam uma aventura espacial e colorida. Acontece que tudo acaba mais cinza do que se esperava - e entenda isso nos sentidos literal e metafórico.

É um novo passo para o Marvel Studios, afinal. Cachês dos principais heróis do estúdio são elevados e os holofotes precisam achar novas estrelas. A aposta é alta em Brie Larson e sua Carol Danvers, tendo em vista toda a representatividade que ela traz, e Pantera Negra, esse, sim, um filme de origem com pegada autoral e importância para o cenário atual - não é por acaso que foi indicado ao Oscar.

A aventura de Danvers, contudo, tem muita relação com Stark. Não diretamente, na personalidade, porque ela não é marrenta como o Homem de Ferro, muito menos rica ou gênia da tecnologia. Carol é uma piloto de aviões militares, mas também uma humana presa no meio de uma guerra entre duas raças alienígenas, os Kree e os Skrulls - nem tente quebrar demais a cabeça para entender qual é vilão e qual é mocinho nessa história.

Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/127282-critica-pantera-negra-politizado-filme-marvel-studios.htm>.
Acesso em: 15 jun. 2019. (adaptado).

Resenha do fragmento 7 na página 39:

“BANG” é a definição perfeita de um álbum “OK”

por Damy Coelho

Anitta é um fenômeno. Chegou de repente no mainstream com o seu “Show das Poderosas” e, em pouco tempo, todo o Brasil cantarolava a canção por aí. Nem parece, mas isso foi em 2013. Apenas dois anos se passaram, mas, na efemeridade que se tornou a indústria fonográfica brasileira, dois anos no topo já é consagração absoluta de um artista. Não à toa, o seu terceiro álbum de estúdio, “BANG”, foi um dos mais aguardados de 2015. Todo esse fenômeno tem uma razão: o Brasil ainda não tinha uma cantora com tanto apelo pop que se ambientasse no funk, pelo carisma natural da cantora e por uma competente equipe de assessores, produtores e compositores por trás de Anitta.

A personalidade carismática e extrovertida da cantora, porém, já deve ter deixado sua assessoria em maus bocados. Enquanto em seu release oficial lê-se a todo momento que Anitta é uma cantora que participa ativamente do processo de criação de seu álbum, desde a escolha gráfica até as composições – e esta é uma tecla que a sua assessoria insiste em bater, a da “compositora” – Anitta se desmente em entrevistas, já tendo afirmado, por exemplo, que não tem tempo de compor e entra em contato com sua equipe de criação somente por email. Desde que fenômenos antes independentes, como Lana Del Rey, ganharam o mundo pop, percebe-se uma tentativa de vender um cantor como “independente” e realmente criador de sua arte, como se tudo fosse feito longe da indústria, mesmo que tenha uma equipe criativa gigantesca por trás e que tudo precise passar pelo aval de uma grande gravadora.

Pois BANG reflete exatamente isso: o poder de uma carismática e competente cantora em potencial, mesclado com uma equipe de produção que molda a sua imagem para que seja agradável a indústria e que gera, como resultado, um álbum repleto de hits em potencial. O CD, que foi o mais ouvido no Spotify Brasil, na primeira semana de lançamento, já começa com a pedrada faixa-título: se alguém pensava que Anitta não seria capaz de emplacar um hit tão poderoso (e chiclete) quanto “Show das Poderosas”, é porque não estava preparado para “BANG”. A música dispensa apresentações e o seu clipe, com o ótimo projeto visual de Giovanni Bianco (que reflete a arte do álbum) reflete todo o frescor inspirado nas pop art de Andy Warhol. Começar o álbum com essa faixa é garantir a atenção do ouvinte para as músicas seguintes. Estratégia de mestre.

A segunda faixa também já era conhecida do público. “Deixa ele sofrer” foi o primeiro single divulgado do álbum. Uma baladinha agradável e fácil de ser cantarolada por aí, mas que, definitivamente, não tem a força da faixa que a antecede. “Cravo e Canela”, em parceria com Vitin, chega com a responsabilidade de vir após duas músicas que já são queridinhas do público. As chances de desagradar com uma faixa desconhecida vir seguida de hits em um álbum são altas. A faixa, de fato, não tem o poder que Anitta é capaz de mostrar. Mais uma baladinha que tem a cara do verão, com batidas inspiradas no reggae pop no pop feito nos anos 90 por Fernanda Abreu e Claudinho e Buchecha. O que derrapa é a letra, que apela para clichês-cult como citar Drummond e Cannes, possivelmente uma tentativa de vê-la viralizando em frases soltas no Facebook e sendo citada com imagens de pôr do sol com filtros de Instagram.

A faixa seguinte, “Parei”, quebra o clima reggae-pop-romântico com uma batida eletrônica animada. A ideia, provavelmente, foi criar um hit para as pistas e, de fato, toda a estética da música leva a isso, até o excesso de autotune na voz de Anitta – não porque a cantora precise, mas porque a técnica combina com a batida eletrônica criada para a música. Apesar de ser uma faixa que promete ser sucesso nas baladas por aí, a letra é um pouco incoerente: nela, Anitta afirma que “saiu da vida de noitada”; a tal “vida sem lei”.

O que também chama a atenção ao ouvir o álbum é que ele passeia por vários estilos, desde o pop eletrônico, passando pelo samba reggae até chegar no reggae-pop-romântico. Funk é o que menos se vê aqui, mas isso não é necessariamente um problema: pode se tratar apenas de um processo de transição de uma cantora que já dava sinais de ser muito mais adepta ao pop tradicional do que ao funk carioca.

Em “Essa Mina é Louca”, a batida samba-rock, com direito até a um arranjo com cavaquinho, lembra bastante as músicas de Seu Jorge. Porém, não é ele quem divide os vocais com a Anitta, mas sim Jhamma – nome até então desconhecido que começa a despontar no mainstream. Em “Atenção”, o clima já muda completamente: ouça e prepare-se para viajar novamente nos anos 90, com o funk melody típico da época, feito por cantores como Latino. Ou seja, uma alusão interessante, mas nem um pouco original. “Volta Amor” também peca pela falta de originalidade: a faixa lembra mais um

jingle de comercial do que um grande hit. Porém, o fato de ser uma música tão genérica pode fazer com que ela seja uma potencial canção favorita nas rádios brasileiras. O grande destaque do álbum fica com a faixa “Sim”, em parceria com o ConeCrewDiretoria. A levada eletrônica experimental remete ao som “fresh” que anda fazendo sucesso lá fora. A batida promete conquistar até quem torce o nariz para a cantora.

O álbum começa a perder força nas últimas faixas. Se entre as 10 primeiras músicas pelo menos 80% podem se tornar hits poderosos, as quatro últimas não têm o mesmo poder.

“BANG”, de uma forma geral, reforça as características que fizeram de Anitta um fenômeno: as músicas curtas e diretas que agradam ao pop instantâneo que faz sucesso atualmente ganham uma encorpada com a performance da cantora. Além disso, prepare-se para se deparar com a mesma fórmula dos álbuns anteriores em relação as composições: a ideia do homem popular e “malandrão” que tem qualquer uma aos seus pés, mas se curva diante de uma mulher poderosa e independente como ela. Parece que o universo pop brasileiro vem apostando nessa temática, que se originou no funk - eis um dos poucos elementos do estilo que permanecem no trabalho da cantora. Estamos, então, diante de um álbum bom, de forma geral, com grandes hits que prometem tocar nos nossos ouvidos ao longo do ano que vem. Não é nada genial, mas tem o seu valor, pois mostra a capacidade da cantora de se reinventar em outros estilos, mas derrapa muito em alguns momentos. Ou seja, um álbum “OK”. Resta saber quais caminhos sonoros estão reservados a Anitta a partir de agora.

Disponível em: <https://www.cifraclubnews.com.br/noticias/101419-anitta-se-reiventa-em-album-com-hits-em-potencial-mas-derrapa-no-fim.html>. Acesso em: 15 jun. 2019 (adaptado).

O caderno didático *Produzindo Resenha* tem como objetivo auxiliar o aluno no processo de leitura e escrita de exemplares desse gênero.

A partir de uma perspectiva de análise linguística, as atividades se organizam de modo que o aluno atente para os aspectos sociocomunicativos, estruturais e linguísticos, que fundamentam a produção de exemplares do gênero.

Apoio:

